



Às vésperas dos Jogos Olímpicos, escola participa do 1º campeonato esportivo de cross humano, em que o praticante percorre variados tipos de terreno



Gestão escolar e liderança pedagógica

Júlio Furtado*

Gerir é gerenciar com a constante preocupação de desenvolver. Podemos dizer que o gestor é o gerente que é líder. Ser gestor, em alguns momentos, exige a imersão no processo, exige "misturar-se" para conhecer e avaliar. O gestor escolar "pisa no chão da escola" e insere-se nos processos escolares para acompanhar, apoiar e avaliar o desempenho. Ser gestor é olhar "para dentro", sem tirar o olho "de fora". Para efetivar sua tarefa, ele precisa ter consciência das variáveis exigidas pelo ato de gerir.

Uma questão essencial que deve mobilizar o gestor escolar é garantir uma gestão por antecipação. Para atingir essa postura, é necessário projetar-se para o futuro dentro de um período, levando toda a equipe a imaginar da maneira mais concreta possível a conquista dos objetivos. Onde queremos chegar ao final desse ano? Que resultados estamos projetando? Que comportamentos estamos perseguindo? É preciso que analisemos o momento presente e identifiquemos quais mudanças serão necessárias e como as garantiremos para que os resultados planejados sejam alcançados. Quando não se implanta a gestão por antecipação, frequentemente se estabelece a gestão da sobrevivência, que se caracteriza pela intensificação de ações em situações de risco, mais popularmente conhecida como "apagar incêndio". Uma vez apagado o incêndio, tudo volta à "normalidade".

A principal tarefa da gestão escolar é a liderança pedagógica. Cabe aqui clarear o conceito de liderança que é o ato de mobilizar pessoas para agirem de forma que os objetivos sejam devidamente atingidos, dentro de um clima de compromisso e responsabilidade. A liderança pedagógica garantirá que a escola cumpra seu principal papel, que é promover aprendizagens através da ação de todos, mas, especialmente, dos professores.

Mobilizar os docentes para que flexibilizem suas formas de promover aprendizagens tem sido, porém, o maior desafio da escola nos últimos tempos. A liderança pedagógica esbarra na forte desmotivação, causada, principalmente, pela baixa autoestima da categoria em função da desvalorização social e das constantes frustrações na consecução de

resultados efetivos de seu trabalho. A liderança pedagógica precisa inicialmente estar focada nessa predisposição (ou na falta dela) do professor para um trabalho inovador. Esse processo de inovação metodológica é complexo porque a prática docente é aprendida de forma vivencial, com os professores que tivemos ao longo de nossa vida escolar e, via de regra, aprendemos a dar aulas de forma expositiva, falando a informação, na expectativa de o aluno ouvir atentamente, pois foi isso que fizeram conosco.

A liderança pedagógica precisa se voltar para a desconstrução desse modelo tão fortemente gravado na prática docente, atacando as crenças que o sustentam e criando um clima de segurança para que os professores possam ousar sem medo e descobrir que a interação é, hoje, o melhor caminho na condução de aprendizagens.

Júlio Furtado – Diplomado em Psicopedagogia e Doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana, Cuba. Mestre em Educação pela UFRJ. Graduado em Pedagogia e Psicologia. Pós-graduado em Orientação Educacional, Gestalt-terapia e Dinâmica de grupo. Palestrante e escritor.



Por que o Brasil ainda não tem mestrado e doutorado a distância?

Dolores Affonso*

Muitas pessoas me perguntam se eu tenho mestrado e doutorado. Não, não tenho. Sou professora de graduação e pós-graduação, coach, consultora e, profissionalmente, preciso de um mestrado, além de pessoalmente sonhar com isso há alguns anos. É um grande objetivo pessoal e profissional! O meu problema, e de muitas outras pessoas, não é achar um programa de mestrado que me agrade ou me candidatar, mas as inúmeras dificuldades em cursar um mestrado presencial.

Uma pessoa com deficiência encontra muitas barreiras e é necessário vencê-las diariamente para alcançar seus objetivos e sonhos. Muitas delas poderiam ser facilitadas, derrubadas com políticas e ações simples.

A exclusão é um problema grave no Brasil. É possível contar nos programas de mestrado a quantidade de pessoas com deficiência que, com muitas dificuldades e se superando todos os dias, consegue cursá-los.



Conselho Editorial
Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

Jornalismo
Antônia Lúcia Figueiredo
(M.T. RJ 22685JP)

Colaboração
Sandra Martins, Cláudia Sanches, Marcela Figueiredo, Tony Carvalho e Jéssica Almeida

Fotografia
Marcelo Avila

Design Gráfico
Luiz Cláudio de Oliveira
Marcel Schocair Costa

Revisão
Sandro Gomes

Periodicidade e tiragem
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

Impressão e distribuição
Gráfica Edlouro – Correios

Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:

End.: Rua Senador Dantas, 117/229
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.
CEP: 20031-911

E-mail: jornaleducar@appai.org.br
redacao@appai.org.br

Endereço Eletrônico:

www.appai.org.br

Tel.: (21) 3983-3200

* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Um mestrado a distância resolveria grande parte deste problema. Mas, por mais incrível que possa parecer para nossa sociedade, o Brasil não tem um programa de mestrado a distância como já ocorre em diversos países. A UAB (Universidade Aberta do Brasil) até lançou alguns programas de mestrado semipresenciais para professores da educação básica, em Artes, História, Física, Matemática etc., mas que não atendem à demanda nem suprem as necessidades profissionais e acadêmicas de quem busca um mestrado ou um doutorado fora do escopo oferecido.

Atualmente, estudo a possibilidade de cursar mestrado a distância em Portugal, Espanha ou Estados Unidos, mas adoraria poder cursar no meu país. A educação aberta e em rede é uma realidade no mundo e o Brasil ainda tem muito que caminhar neste sentido. Temos no país diversas instituições de renome internacional, públicas e privadas, que poderiam oferecer este nível de formação acadêmica e profissional na modalidade a distância, não apenas para brasileiros, como também para estrangeiros interessados em investir em seus estudos em nossas universidades. Ouço diversas alegações sobre a possível má qualidade de um programa nestes moldes, mas não entendo de onde surgiu este pensamento.

No Brasil, temos centenas de instituições que oferecem graduação e pós-graduação na modalidade EaD com altíssima qualidade e reconhecimento internacional, como a Fundação Getúlio Vargas, o IBMEC, a PUC, a USP e tantas outras, inclusive públicas. Além disso, diversas instituições pelo mundo já oferecem mestrados a distância e com alta qualidade. Então, por que no Brasil deveria ser diferente?

Podemos citar diversos motivos para que tal medida seja implementada. O que me vem primeiro à mente são as barreiras que enfrento diariamente como uma pessoa com deficiência visual. Não apenas eu, mas 45,6 milhões de pessoas com deficiência em todo o país enfrentam inúmeras barreiras no seu dia a dia, inclusive na sua vida acadêmica, profissional e social, como a falta de acessibilidade das cidades, dos transportes públicos, que impõem obstáculos ao nosso deslocamento. Se pararmos para observar, veremos as enormes dificuldades dos cadeirantes e deficientes visuais em se dirigir de um ponto a outro, inclusive a vulnerabilidade. Claro que todos são expostos à violência, mas, se enxergando já fica difícil perceber uma situação de risco, imagine sem enxergar? Se já é difícil fugir de uma situação de perigo, imagine sem andar, preso a uma

cadeira de rodas? Como pedir socorro, ligar para a emergência sendo surdo, mudo ou com alguma dificuldade de fala? Além dos problemas de locomoção, comunicação e segurança, ainda enfrentamos as limitações internas das instituições, que não estão prontas para atender as necessidades de tais alunos. Mas não é só nos portadores de deficiência que devemos pensar!

Na atualidade, as pessoas têm cada vez menos tempo, o que limita sua disponibilidade para cursar um mestrado presencial. Isso é comprovado pela quantidade de pessoas cursando a modalidade a distância. Segundo a Abed (Associação brasileira de Educação a Distância), são quase 6 milhões de alunos no ensino superior a distância no Brasil, segundo dados do censo EADBR de 2012.

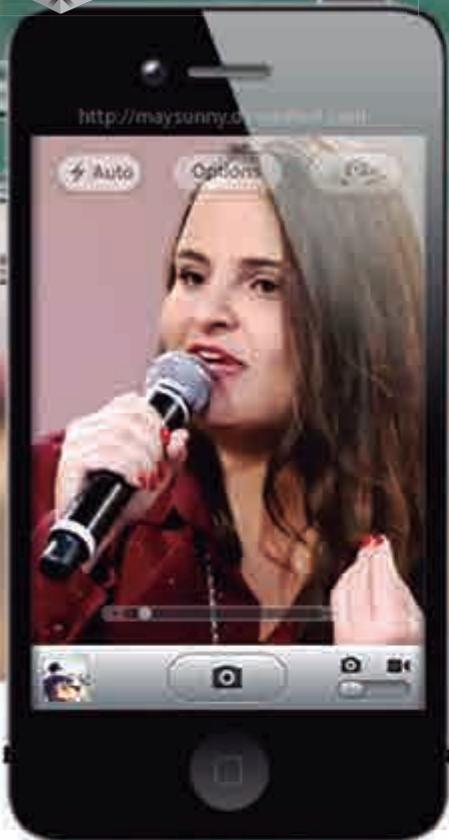
Além da flexibilidade de horários, de poder estudar de qualquer lugar, ainda há o avanço acelerado das tecnologias que facilitam, tornando a EaD muito mais acessível, oferecendo maior possibilidade de uma educação inclusiva, para todos. Com a EaD é possível, mesmo fora dos grandes centros, no interior, áreas rurais, urbanas etc. cursar uma formação acadêmica e profissional.

Ainda sobre a qualidade, muitas pessoas me perguntam como foram meus estudos pela modalidade EaD e falo com muito orgulho: fiz graduação em Administração de empresas e três pós-graduações a distância, em Marketing, Design Instrucional e Educação Especial. As instituições foram ótimas e os cursos, de alta qualidade.

Proponho uma consulta pública para que o MEC identifique o contingente imenso de interessados em mestrados e doutorados a distância e os implantem no país. Afinal, essas pessoas acabam, atualmente, optando por cursar em universidades fora do Brasil, quando poderiam cursar aqui! E me pergunto: por que o Brasil não tem mestrado e doutorado a distância? Nós, pessoas com deficiência, queremos fazer mestrado e doutorado também. E queremos oportunidades iguais!

Mas não é por falta de políticas públicas neste sentido que deixaremos de sonhar com o crescimento acadêmico e profissional e com uma vida melhor. Vamos à luta!

***Dolores Affonso** é *coach*, palestrante, consultora, *designer* instrucional e professora. Ajuda pessoas a superarem suas deficiências e limitações, alcançando autonomia, liberdade e sucesso para viverem uma vida plena.



A especialista em Pedagogia de Projetos e Educação Infantil Patricia Lopes da Fonte

O uso do celular em sala de aula

Especialista explica os prós e contras da utilização do aparelho no ambiente escolar

Presente em nosso cotidiano, o tema tem sido bastante discutido entre os educadores que dividem opiniões a favor ou contra o uso do celular em sala de aula. Ao perguntarmos no *Facebook* da Appai, o tema foi sugerido, entre outros, para ser discutido na revista. Para isso, conversamos com a especialista em Pedagogia de Projetos e Educação Infantil, autora e tutora de cursos presenciais e *on-line* de educação continuada a docentes, Patricia Lopes da Fonte*.

De acordo com ela, a idade de a criança começar a usar o aparelho celular deve ser estipulada pela família. “Hoje existem aplicativos até para bebês e, nitidamente, eles se sentem atraídos e desejam tocar e usufruir das cores e sons. É bastante comum os pais utilizarem o celular como recurso em locais públicos quando precisam manter os bebês entretidos e calmos”, argumenta.

A especialista afirma que existem benefícios e malefícios para as crianças que começam com essa experiência muito cedo. “Sem dúvida, elas desenvolvem inúmeras habilidades quando possuem contato com a tecnologia. Dos benefícios podemos citar desde o estímulo cerebral até o desenvolvimento

da coordenação motora, pois manipular o aparelho exige uma destreza tátil impressionante. Todavia, é imprescindível que haja um equilíbrio, pois sabemos que todo exagero tende a ser nocivo. Quando este passa a ser o único recurso de lazer da criança, o resultado é um ser humano mais solitário e afastado da socialização no mundo real”, garante.

Para ela, o único caminho para ensinar a criança a utilizar o aparelho de forma útil é o diálogo. “Com estabelecimento de regras de conduta, mas não adianta proibição sem conversa, reflexão e crítica”, completa. A especialista lembra ainda que o contato dos pequenos com o aparelho eletrônico é inevitável pois, hoje em dia, isso ocorre desde o nascimento. “Por isso, é tão importante que os pais mantenham diálogo e equilíbrio constante. Nada substitui o convívio das crianças com seus pais, familiares e/ou cuidadores, e são estes que nortearão a conduta e a formação integral dos pequenos seres humanos”, defende Patrícia.

Atualmente, a chamada “Geração Z” tem como maior característica o fato de estar *on-line* o tempo todo. A especialista afirma que essa turma nasceu em uma realidade globalizada e convive com informações em escala mundial desde o berço. Pensando nessa mudança, o compromisso com as questões educacionais tem sido ampliado, através das várias formas de organização, incluindo aquelas que fazem uso da tecnologia para superar os limites de espaço e tempo, de modo a propiciar que pessoas de diferentes idades, classes sociais e regiões tenham acesso à informação e possam vivenciar plenamente as diversas representações do conhecimento.

Pontos Positivos

Segundo a especialista, esta amplitude de possibilidades requer dos profissionais novas competências e atitudes para desenvolver projetos educacionais que criem e recriem estratégias e situações de aprendizagem que possam tornar-se significativas para o aluno, sem perder de vista o foco da intencionalidade da educação. O telefone celular pode ser utilizado como mais um recurso didático e assim atrair as crianças dando um *upgrade* nas aulas. Com a adequação da prática pedagógica, definindo claramente os objetivos, é possível garantir ao educando a possibilidade de produzir conhecimento, agir e pensar criativamente, desenvolvendo senso crítico e iniciativa própria. Além de tornar o planejamento mais interessante e dinâmico, o professor assume um papel de mediador do conhecimento e, em muitos momentos, precisa problematizar as informações para que as crianças reflitam.

Pontos Negativos

De acordo com Paty Fonte, um ponto negativo é a separação entre o mundo “virtual” e o mundo “real”. Ela explica que, quando existe a proibição do uso do aparelho celular sem diálogo e/ou as aulas são desenvolvidas de forma distante da realidade, dos interesses e necessidades dos alunos, se abre uma barreira entre educadores e educandos, gerando desmotivação e indisciplina. A “Geração Z”, também chamada “nativos digitais”, já nasce tendo à mão *smartphones*, *tablets* e pacotes de dados e 3G pagos pelos pais. “Os alunos atuais anseiam pelo aprendizado que desafie seu conhecimento através de *softwares* e também pela *web*. A internet é uma tecnologia que facilita a motivação dos alunos, pela novidade e pelas possibilidades inesgotáveis de pesquisa que oferece. Esse estímulo aumenta se o professor trabalha em um clima de confiança, de abertura, de cordialidade com os alunos. Devido à onipresença da tecnologia na vida cotidiana, é inviável tentar proibir algo que é tão comum à rotina, afinal está tão presente na vida atual que já não sabemos viver sem ela. Temos a responsabilidade de educar no sentido pleno da palavra, ou seja, transformar o aluno em cidadão ativo, participativo na sociedade”, explica.



Utilizando o aparelho em sala de aula

A especialista sugere que a tecnologia seja utilizada em sala de aula como mais um recurso didático, desenvolvendo projetos e/ou atividades interdisciplinares empregando aparelhos e usufruindo de todas as possibilidades que ela oferece. O uso no contexto escolar requer a formação, o envolvimento e o compromisso de todos os protagonistas do processo educacional (professores, diretores, supervisores, coordenadores pedagógicos), no sentido de repensar o processo de ensino e aprendizagem na e para a sociedade. "Estes protagonistas têm papéis distintos e, portanto, o uso da tecnologia deve atender às suas especificidades, de tal forma que, no âmbito global, suas ações sejam articuladas com vistas a favorecer o desenvolvimento do aluno como cidadão participativo e crítico para lidar com as inovações tecnológicas", justifica. De acordo com Patrícia, a partir do momento em que o celular se torna mais um recurso já

afasta aquela sensação de se estar *off-line*, o que o torna significativo também no contexto educacional, ficando mais fácil dialogar e estipular regras de utilização nos momentos corretos e propícios.

* Patrícia Lopes da Fonte (Paty Fonte) é Educadora especialista em Pedagogia de Projetos e Educação Infantil; escritora – autora dos livros "Projetos Pedagógicos Dinâmicos: a paixão de educar e o desafio de inovar" e "Pedagogia de Projetos – Ano letivo sem mesmice", ambos publicados pela editora Wak; autora e tutora de cursos presenciais e *on-line* de educação continuada a docentes, *coach* e palestrante.

Colaboração: Jéssica Almeida



E você, caro leitor, qual tema gostaria de ver na próxima edição da revista? Siga a fanpage da Appai no Facebook (www.facebook.com/appairj) e deixe um comentário ou envie um e-mail para redacao@appai.org.br. Estamos aguardando sua sugestão!



Vitoriosos ou Fracassados



Eu nunca tinha pensado sobre Educação na Palestina. A Palestina sempre me remeteu a história, religião, conflitos, guerras... Portanto, foi uma surpresa encontrar no hotel onde me hospedei, em Jerusalém Oriental, entre mapas, guias turísticos e a programação cultural, uma pilha da revista “Essa semana na Palestina”, dedicada aos desafios da Educação dos palestinos.

Durante as sonecas de minha neta de 15 meses, entregue deliciosamente aos meus cuidados, dediquei-me à leitura dos 13 artigos dos especialistas locais – educadores, acadêmicos, professores –, todos apontando para a falência do sistema em vigor e clamando por uma urgente revisão no sistema de avaliação do aprendizado das crianças e jovens palestinos. Com a curiosidade aguçada, verifiquei na página da Unicef que os indicadores educacionais da Palestina eram iguais ou, em alguns itens, melhores do que os do Brasil. Comparação que não dignifica a Educação deles e envergonha mais ainda a nossa, diante do fato de que há 60 anos os palestinos vivem em estado de guerra.

Os especialistas palestinos condenam a Educação focada em memorização e na sucessiva realização de testes

que, nas palavras do educador Munir Fashed, dão ao aluno, no final de 12 anos de estudos, um certificado que o identifica como um vitorioso ou um fracassado. “Eu não conheço nenhum Ministério da Educação que certifique uma pessoa como um poeta, um contador de histórias, um baterista ou um jardineiro”, reclama. Todo o aprendizado está direcionado para a realização do vestibular – *tawjihi* –, e os livros didáticos são obrigatoriamente a base do ensino, não deixando escolha à criatividade e interatividade no processo do aprendizado.

Arel Hijjawi, ex-professor e agora jornalista, reclama que a competição transformou a escola numa zona de guerra, não vivessem os palestinos literalmente já num estado de tensão. “Trabalhar em grupo e gostar de aprender é muito mais efetivo e divertido do que competir”, diz ele em seu artigo. Para o editor-chefe da Revista, Ahmad Damen, a Palestina já foi um esplendor em Educação, e os palestinos valorizavam e apostavam nesse caminho. “Era a *commodity* número um para se investir no futuro das famílias palestinas, depois da perda de suas casas, propriedades, terra e *habitat* natural com o êxodo forçado – *Al-Nabka* – em 1948”, explica o jornalista, acrescentando que agora a Educação está no

meio da controvérsia “porque o que foi adotado não produziu os resultados prometidos”. Impressionante como a crítica ao sistema de avaliação do aprendizado se repete mundo afora. Nada mais familiar em relação ao que hoje se discute no Brasil, nos Estados Unidos, na Coreia do Sul.

A esperança de visitar escolas palestinas e conversar mais com jovens e professores foi sepultada com o retorno antecipado ao Brasil. A tensão em Jerusalém nos reteve no hotel, e o risco de expor minha netinha a um incidente grave exigiu cautela. Ao chegar ao Rio num domingo pela manhã, fui recepcionada por uma saraivada de uns bons 10 minutos de tiros de fuzil e granadas, aqui na minha vizinha Rocinha. Li que nos últimos dez dias as aulas foram suspensas em centenas de escolas. E penso: será que nossas crianças de comunidades vivem uma realidade tão diferente das crianças palestinas?

Andrea Gouvêa Vieira

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro

Leitura literária:

O que rola na escola

Dois em um para abrir a janela para o mundo

Sandra Martins

Incentivar os alunos a perceberem que a leitura propicia um universo de possibilidades para a vida inteira é o objetivo que perpassa projetos que unem as professoras da Sala de Leitura, de História, Literatura e Redação do Colégio Estadual Lauro Corrêa, no bairro Trindade, município de São Gonçalo. E a parceria é o elemento aglutinador de

Inspirado em "Os Saltimbancos", o estudante se caracterizou de jumento para encenar o musical infantil



vontades, paixões, técnicas, teorias, elementos propulsores e atrativos que envolvem os alunos em várias atividades, como ocorreu com as artes cênicas – a unidade escolar tem um grupo de teatro, mas também há turmas que desenvolvem suas próprias ações dentro ou fora da sala de aula.

É o que ocorreu com o projeto *Leitura Literária*, série de quatro sequências didáticas que formam um programa de mesmo nome, desenvolvidas pelas professoras de Literatura e História, respectivamente Rosângela Baptista e Maria de Fátima Gonçalves da Silva.

Além de estimular o gosto pela leitura, a intenção das professoras é, também, desenvolver a competência leitora, aprofundar alguns conceitos e particularidades de alguns gêneros literários e da palavra poética, além de desenvolver a sensibilidade estética, a criatividade, a imaginação e o senso crítico.

De acordo com Rosângela, o projeto foi dividido em três etapas: no 1º bimestre, o foco foi a poesia; no 2º, apurou-se a leitura de contos e romances; e, por último, a linguagem do teatro. “Uma das minhas turmas fez ‘O mundo mágico da turma 901’. Eles trabalharam com duas fábulas: ‘O Rei Midas’ e ‘Os três leõezinhos’ e finalizaram a atividade com uma apresentação em que tocaram a música ‘Sonho de uma flauta’, de O Teatro Mágico. Já a turma 902 apresentou o musical ‘Os Saltimbancos’”.

Todos os trabalhos, segundo a professora, foram ímpares, mas a apresentação do musical encantou não só os docentes, como também os outros alunos. “Eles se superaram, cantaram todas as músicas sem utilizar o CD!”, disse a mestre, tentando esconder a emoção pelo entusiasmo e empenho dos alunos.

“Os Saltimbancos” é um musical infantil inspirado no conto dos irmãos Grimm “Os Músicos de Bremen” e narra a história do encontro de quatro animais (um jumento, um cachorro, uma galinha e uma gata) que, devido a maus-tratos, fugiram de seus patrões. Juntos decidem formar um grupo musical e rumam à cidade para começar a carreira artística. No caminho encontram seus antigos donos e, temendo serem novamente escravizados, resolvem enfrentá-los. Os bichos vencem e chegam à conclusão de que unidos conseguirão superar todas as dificuldades.

Valeu a pena tanto desprendimento dos alunos, pois foram convidados pela professora Maria de Fátima para uma apresentação para os alunos da Educação Infantil de um colégio particular de Trindade, no Jardim Infantil Pipo e Poca. Dona Rosa Maria Bruno, diretora-geral da escolinha, ficou encantada com o apuro da trupe, que por sinal empolgou os cerca de 120 pequenos que cantavam os refrões com os “atores”.

O elenco era composto por 15 “atores”, entre eles, Nilton Cesar, do 1º ano do Ensino Médio, violonista que comandava as sequências musicais; Carolina de Oliveira, cantora; Jane Kelly, que integrou o coral; Ramon Gabriel, que interpretou o Jumento; Ana Carolina e Raíssa agradaram a todos como gatas.

Genilvan Souza e Claudineia, respectivamente pai e tia de Carolina, estavam superorgulhosos com o desempenho da estudante. “Ela melhorou muito o seu rendimento na escola depois que começou a ter aulas com as professoras Rosângela e Maria de Fátima. Principalmente, com a proposta de poderem fazer esta peça de teatro e apresentá-la em outro lugar”, disse o pai entre uma foto e outra da turma em cena.

A apresentação do musical encantou não só os docentes, como também os outros alunos

Incentivar os alunos a perceberem que a leitura propicia um universo de possibilidades para a vida inteira





Os estudantes trabalharam com as fábulas "O Rei Midas" e "Os três leõezinhos" e finalizaram a atividade com uma apresentação da música de O Teatro Mágico

Maria de Fátima, professora de História, disse que a proposta da peça de teatro e, em especial, a de "Os Saltimbancos" aconteceu de forma muito natural, pois o colégio sempre incentivou projetos que envolvessem expressões culturais, tanto que há um grupo de teatro amador dos alunos. "Estávamos trabalhando o conteúdo da Ditadura Militar em sala de aula com as duas turmas do 9º ano. E um dos exemplos dados sobre a censura às artes foi desta peça infantil que conseguiu passar pelo crivo dos censores", disse a professora. Ela ressalta que a história desses animais tem uma relação muito importante com o contexto histórico vivido no Brasil daquela época. Ao falar sobre união, exploração e justiça, os bichos da fábula davam voz a questões políticas que marcaram o regime militar brasileiro.

Empolgada com o desempenho dos alunos, Rosângela salientou que este trabalho se deu dentro de sala de aula, mas contou com a tradição do colégio do incentivo à leitura e desenvolvimento de projetos pedagógicos culturais. "Uma de nossas grandes parceiras é a professora Sandra Regina, atual agente de leitura, sempre atendendo, dentro de suas possibilidades, as nossas solicitações. Ela faz os registros das atividades pedagógicas com o projeto *O que rola na escola*, que depois é apresentado na unidade escolar", afirmou a professora, que funciona como um misto de docente e diretora teatral.

A aluna Ingid de Oliveira, integrante do teatro do C. E. Lauro Corrêa, fazia os registros fotográficos dos colegas. Ela disse que levar o nome da escola para fora de seus muros,



por meio de apresentações em outras instituições, aumentava a responsabilidade de todos. "Nosso grupo de teatro apresentou recentemente duas peças, 'Doente Imaginário' e 'Sonho de Menina', esta última no Teatro Carequinha na Escola Municipal Ernani Farias, em Neves. Foi muito legal, pois o pessoal aplaudiu muito e as crianças tiraram muitas fotos conosco. A peça foi organizada pela professora Maristela", completou, elogiando o carinho das professoras apoiando e incentivando o trabalho dos colegas.

Colégio Estadual Lauro Corrêa
Rua Macaé, lote 3, quadra 1 – Trindade –
São Gonçalo/RJ
CEP: 24457-280
Tel.: (21) 2725-2160
E-mail: rosebatmonteiro@gmail.com
Coordenadoras do projeto: Rosângela Batis-
ta e Maria de Fátima
Fotos: Marcelo Ávila



O lugar dos pronomes oblíquos átonos

Sandro Gomes*

Chamamos de oblíquos os pronomes pessoais quando desempenham em uma oração função de complemento verbal, ou seja, objetos direto ou indireto. Dizemos que são átonos quando não aparecem precedidos de preposição. Observe as três orações seguintes:

*Amigo, quem **te avisou** sobre o fato? / **Disseram-te** isso? / **Informar-te-iam**, se quisessem.*

Nesses três casos encontramos o pronome oblíquo *te* em três locais diferentes. Primeiro antecedendo o verbo, depois sucedendo-o e em seguida aparecendo no meio da construção verbal. Essas três formas são chamadas respectivamente de próclise, mesóclise e ênclise. Vamos conhecê-las mais de perto?

A **Próclise** ocorre quando o pronome aparece antes do verbo. É usada mais comumente nos seguintes casos:

- em palavras ou expressões de valor negativo:
*Ninguém **lhe dá** oportunidade.*
- Se houver advérbio ou pronome indefinido (e não houver pausa): *Tudo aqui **me chateia**.*

Obs.: se houver pausa o pronome vem depois do verbo.
Ex.: *Aqui, **chateio-me** sempre.*

- em orações que comecem por pronomes ou advérbios interrogativos:

*Por que **me falaram** tudo aquilo?*

- em orações iniciadas por palavras exclamativas ou que expressem desejo:

*Como **te esperei!** / **Que os deuses o protejam!***

- aparece também em conjunções subordinativas:

*Ficarei com a roupa se **me couber**.*

- em uso de gerúndio quando precedido de preposição:

*Em **se tratando** dela, acredito.*

- em palavras como “só”, “somente”, “apenas” e em caso de conjunções alternativas:

*Apenas **se esqueceu** do documento.*

*Ora **o elogia**, ora **o maltrata**.*

- em orações introduzidas por pronome relativo:

*Eis o ponto no qual **o encontrei**.*

Na **Mesóclise** o pronome aparece intercalado no verbo. Praticamente só é usada na linguagem literária, e aplica-se quando o verbo estiver no futuro do presente ou do pretérito do modo indicativo. Veja:

*O destino **aplicar-te-á** pesada pena.*

***Encontrar-me-iam**, se desejassem.*

Obs.: Quando a situação exigir a próclise, não pode ocorrer a mesóclise, mesmo nos tempos verbais acima citados. Exemplo: *Tudo **se resolverá** no tempo certo.* (A presença do pronome “tudo” torna necessário o uso da próclise.)

Já a **Ênclise** aparece quando o pronome vem depois do verbo, o que de certa forma corresponde ao percurso básico do verbo em direção a seu complemento. Veja os casos.

- em orações que se iniciem por verbo (na norma culta, como se sabe, não se introduz oração utilizando pronome oblíquo). Observe:

***Diga-me** se de fato isso ocorreu.*

A exceção é se o verbo estiver no futuro:

***Me falarás** a respeito mais tarde.*

- em orações reduzidas de infinitivo e nas de gerúndio:

*Convém **despir-se** dessa amargura.*

*O pai veio rápido, **abraçando-lhe** com carinho.*

- em orações imperativas afirmativas:

*Senhor, **permita-me** esclarecer o caso.*

Amigos, sobre uso de pronomes oblíquos átonos é isso. É claro que, com tantos casos e exemplos, a questão parece complexa. Observar as ocorrências aqui citadas ao ler ou escrever é um bom treinamento para dominar o assunto. Até a próxima, pessoal!

*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: redacao@appai.org.br.

○ Som da Fantasia

Incentivo à leitura, ao sonho, à reflexão

Sandra Martins

Diversas Emílias, Narizinhos e Pedrinhos participaram da sexta edição do Café Literário *Lendo ao som do vento*, realizada pela Escola Franciscana Santo Antônio da Prata, em Nova Iguaçu. Caracterizados como os renomados personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, os alunos – desde a Educação Infantil até os do 9º ano do Ensino Fundamental – homenagearam o escritor Monteiro Lobato. E um dos pontos altos do evento, entre tantos, foi o protagonismo de cada um dos estudantes no momento de autógrafa de seu livro, produzido no período letivo.

Se depender da opinião dos pais e responsáveis, os objetivos propostos pelo projeto foram amplamente alcançados: levar o aluno a sonhar, pensar, transformar, gostar de ler e interagir com o texto de modo prazeroso.

É o que revelam os pais da jovem estudante Laís Januário, 15 anos, Loide da Conceição e Alexandro Januário. Para eles, o incentivo à leitura, promovido pela escola desde as séries iniciais, é fundamental para a vida acadêmica e que aqueles momentos eram um belo ensaio para a vida, pois, além da vivência da confraternização com outras famílias, o espaço acolhedor propiciava o aprendizado sobre como lidar com as críticas.

Ao lado dos estandes de livros, as bancadas mostravam as produções literárias dos jovens, cujo conteúdo, dependendo da série, incluía pesquisa sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato, redações com temas específicos ou livres e ilustrações autorais. Foi o caso dos irmãos Beatriz e Daniel Menezes, respectivamente 7º e 9º anos, que foram acompanhados pela avó Doralice Menegatti, que orgulhosamente falava da dedicação das crianças com a produção de pesquisas e as muitas leituras que faziam desde pequenos.

Para Jole Pacheco, diretora pedagógica da escola e idealizadora do projeto, a construção de um bom leitor deve começar desde a Educação Infantil. A proposta visa aperfeiçoar e valorizar o cidadão através das linguagens artística, literária e histórica, a partir da compreensão do seu papel enquanto sujeito. Por isso o projeto enfoca o ato de





ler como ponto de partida para a construção do pensamento lógico, além de possibilitar a capacitação do aluno em desenvolver a construção de sua própria identidade, imaginação, criatividade e expressão. "A leitura aproxima o educando do universo letrado e colabora para a democratização de um de nossos mais valiosos patrimônios culturais, que é a escrita".

A programação das atividades do Café Literário dá mostra da amplitude do processo desencadeado ao longo do ano, tendo como legado os anos anteriores. Apresentações teatrais (incluindo dramatizações) e musicais – duetos com os alunos Daniel no saxofone e Beatriz na flauta transversa e de Pedro Lucas e Vitor Lacerda no violão; apresentação dos finalistas do projeto *Soletrando* – com rodadas ocorrendo nas salas de aula; premiação dos vencedores do II Concurso de Poesias Esap – das turmas de 6º ao 9º ano; leitura de poemas, exposições de maquetes, de livros e de painéis e o momento de autógrafa dos alunos com espaço para degustação.

Priscila dos Santos, 14 anos, estava radiante por ter participado e chegado à etapa final do *Soletrando* e aponitava a foto em que aparecia com os finalistas do 9º ano. "Ainda bem que a competição aconteceu dentro de nossa sala de aula. Eu não conseguiria soletrar nada na frente de todo mundo". O concurso, segundo a jovem, a estimulou a criar o hábito de usar o dicionário: "Aprendi brincando que é muito bacana conhecer o significado de novas palavras e a melhor forma de utilizá-las no meu dia a dia".

O reconhecimento da importância deste hábito positivo é, segundo Luciana Menezes Menegatti, da equipe de coordenação pedagógica e orientação educacional, importantíssimo, pois é através da leitura que o aluno vai se conscientizando sobre o seu papel na sociedade, no que ele poderá contribuir para um mundo melhor.

A partir da escolha do tema do ano, os professores foram desenvolvendo trabalhos específicos envolvendo



Apresentações teatrais e musicais, leitura de poemas, exposições de maquetes, de livros e de painéis fizeram parte das atividades do Café Literário

fundamentalmente a leitura, produção de textos e muita pesquisa. Paralelamente, a escola investe em novos livros e em outros projetos, como a *Mala Viajante*, *Concurso de Poesias* e o *Soletrando*.

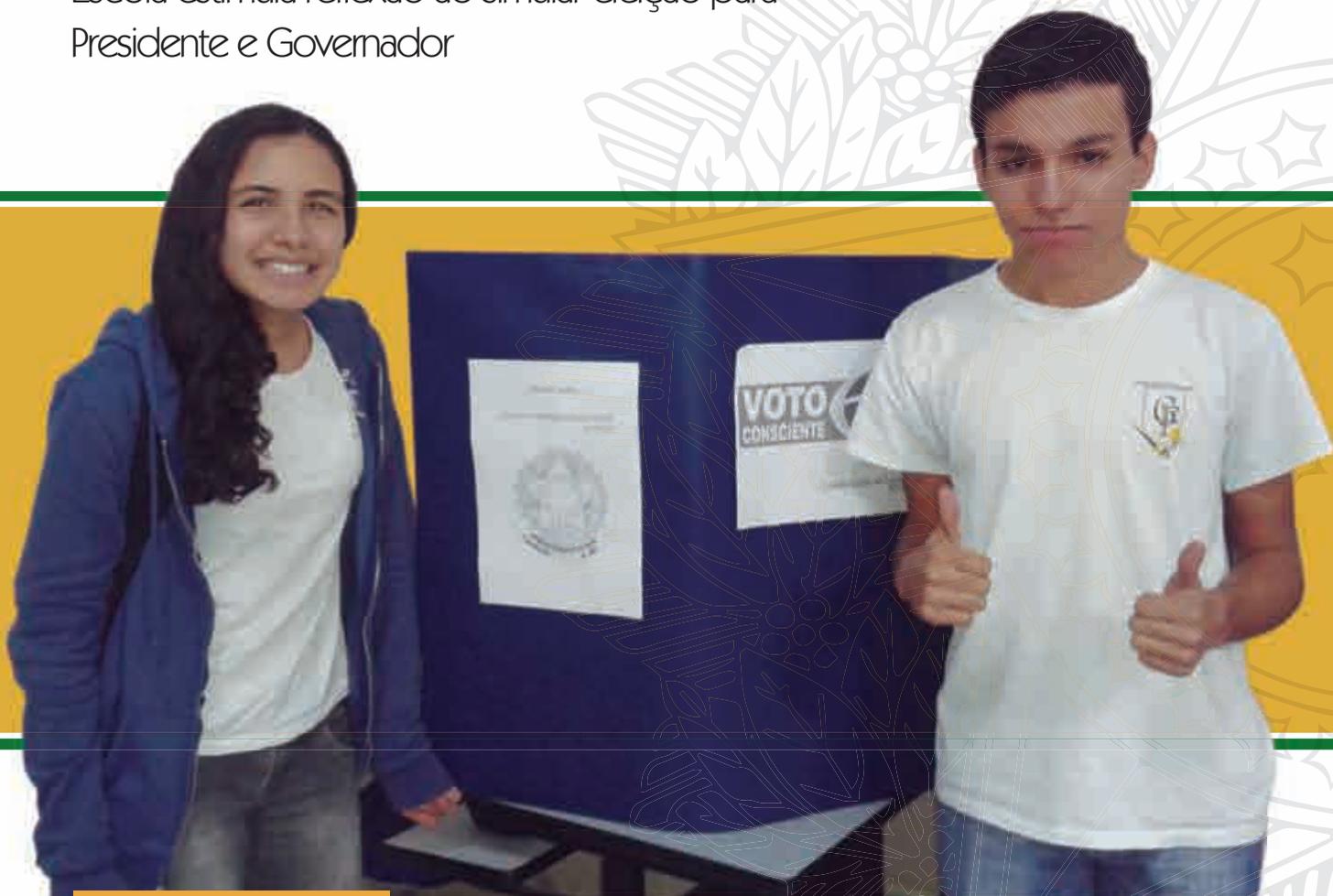
Para ilustrar como se desenvolve o *Mala Viajante*, Jole Pacheco explicou que os alunos levam uma maleta com livros para que seus pais possam ler para eles. Posteriormente, os responsáveis agendam com a professora sua ida para uma leitura coletiva com a turma de seu filho. A professora Natacha Guimarães, do Pré-I, disse que as crianças adoram o momento em que sua mãe ou seu pai chegam para participar da contação. "É muita emoção, a criança se sente valorizada ao ficar do lado deles diante da turma".

Jole Pacheco disse que desde 2008 a escola investe na leitura como base para suas ações pedagógicas. Os resultados, segundo ela, são vistos não só na produção dos livros, mas no empenho de cada aluno em superar suas próprias dificuldades. "Afinal, um livro será sempre um companheiro em nossa descoberta. É através dele e da leitura que nos sentimos cada vez mais vivos para usarmos a nossa imaginação e a nossa criatividade", concluiu.

Escola Franciscana Santo Antônio da Prata
Estrada Dr. Plínio Casado, 2.875
Prata – Nova Iguaçu/RJ
CEP: 26010-421
Tels.: (21) 2761-7170 / 2761-5443
E-mail: coordenação@sibsantoantonio.com.br
Diretora Pedagógica: Jole Pacheco
Fotos: Marcelo Ávila

Debate entre alunos

Escola estimula reflexão ao simular eleição para Presidente e Governador



Marcela Figueiredo

Inspirados no período eleitoral brasileiro, educadores do Colégio Guido de Fontgalland, em Copacabana, realizaram atividade para estimular os estudantes a refletirem sobre conceitos como democracia, cidadania, direitos e obrigações. O instrumento utilizado para fazer com que os discentes pensassem sobre os temas e percebessem o quanto eles fazem parte do cotidiano de toda a população foi o voto.

“Além de fazer com que nossos alunos percebam, reflitam e contextualizem o dever e o direito de votar, o projeto tem a intenção de formar agentes multiplicadores da ideia de democracia. Queremos que eles percebam que esse ainda é o caminho para fazer com que a maioria tenha voz”, explica Fabrício Albuquerque, coordenador do Ensino Fundamental II e Médio.

A simulação aconteceu no dia 3 de outubro, mas o processo de escolha teve início cerca de um mês antes. O estímulo para os debates começou quando a escola convidou ex-alunos, que em 2014 se candidataram a cargos eletivos, para uma visita à escola. Em seguida, os estudantes participaram de palestras sobre as funções dos mandatos e desenvolveram trabalhos escolares sobre política e gestão pública. Os professores relacionaram o conteúdo das disciplinas à temática eleições. A docente de Biologia, por exemplo, desenvolveu uma atividade onde mapeou os tipos de doenças que mais deveriam estar na pauta dos candidatos.

ELEIÇÕES GUIDO
2014

PRESIDENTE

Dilma (PT) ...

Marina Silva (PSB) -

Aécio Neves (PSDB)-

Luciana Genro (PSOL)-

GOVERNADOR

Luiz Fernando Pezão (PMDB)

Anthony Garotinho (PR)

Marcelo Crivella (PRB)-

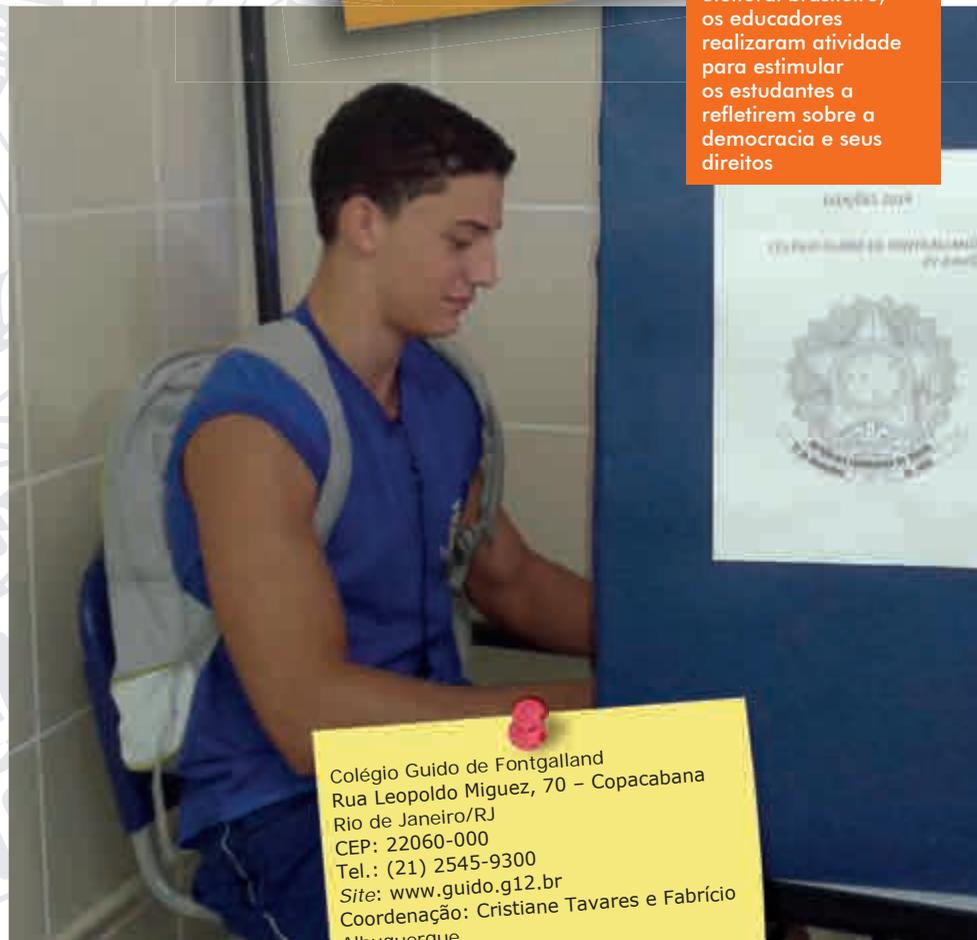
Lindberg Farias (PT)-

Após o período de exposição ao tema, os alunos puderam optar por aquele com que mais se identificavam. Apesar de ser uma simulação, os candidatos a serem escolhidos foram os oficiais, e isso possibilitou que os temas discutidos fora da escola ganhassem repercussão também entre os estudantes. Para Manuela Drumond, aluna do segundo ano do Ensino Médio, o trabalho realizado pela escola proporcionou o envolvimento dos estudantes com o assunto. Porém, segundo ela, foi ruim perceber qual é o critério utilizado para a escolha dos candidatos. "As pessoas pensam em eleger o menos pior, quando, na verdade, deveriam votar de acordo com as propostas apresentadas", defende a estudante.

Os trabalhos desenvolvidos em grupo no período que antecedeu as eleições foram importantes para que os educandos pesquisassem e discutissem entre eles sobre os diferentes sistemas de governo e regimes políticos. Melvin Mello, aluno do primeiro ano do Ensino Médio, participou de um grupo com outros quatro estudantes onde o tema predominante foi a Ditadura. Eles tiveram tempo para chegar a algumas conclusões: "A maioria dos membros do grupo se posicionou contra aquele regime, mas consideramos que vivemos em uma falsa democracia. A obrigatoriedade do voto e os diferentes tempos de exposição dos candidatos na propaganda eleitoral são exemplos disso", ressalta o aluno.

Nas eleições do Colégio Guido os alunos puderam votar nos quatro candidatos à Presidência da República e ao Governo do Estado mais bem colocados nas pesquisas eleitorais. Após a escolha, foi realizada a apuração e divulgada para a comunidade escolar. "O que nos interessa com a realização desse trabalho é trazer o mundo para dentro da escola. Queremos transpor o muro que existe entre ela e a vida e despertar nos alunos o senso crítico. A motivação e o interesse deles nos fazem acreditar que a escola está fazendo seu papel", afirmou a coordenadora do Ensino Fundamental I Cristiane Tavares.

Inspirados no período eleitoral brasileiro, os educadores realizaram atividade para estimular os estudantes a refletirem sobre a democracia e seus direitos



Colégio Guido de Fontgalland
Rua Leopoldo Miguez, 70 - Copacabana
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22060-000
Tel.: (21) 2545-9300
Site: www.guidog12.br
Coordenação: Cristiane Tavares e Fabrício Albuquerque
Fotos: Marcela Figueiredo



Conto, diálogos, vídeo de animação: Ação!

A História da Galinha e do Ovo

Sandra Martins

Câmera, luz, ação! Silêncio no estúdio. Vamos começar a gravar: cena 32. Ação!
E assim começa...

"A História da Galinha e do Ovo", de Luandino Vieira, um audiovisual dos alunos do 8º e 9º anos da Escola Municipal Alberto Rangel, no bairro da Cidade de Deus, sob a coordenação do professor Armando Muniz.

O conto africano foi um convite feito pela coordenadora pedagógica Ana Cristina Gomes, aos professores para incentivar os alunos a trabalhar leitura, interpretação e escrita. Instigado pelo convite, o professor de música, Armando Muniz, apresentou o conto aos seus alunos – oito turmas do 6º ao 9º anos –, procurando estimulá-los a refletir sobre as possibilidades que o texto propiciava para mergulhos sobre si mesmos, seu entorno, sobre o mundo, a vida, sempre de forma propositiva. Ou seja, muito debate, muitas trocas.

"O professor Armando foi muito cuidadoso com este projeto. Ele tem muito boa vontade, fez um planejamento que procurava sempre atualizar conforme as demandas que se apresentavam", disse a professora Nurimar dos Santos Oliveira, que assumiu a coordenação pedagógica da escola municipal.

Antes de começar a contar a história em si, Muniz apresentou o autor, o português de nascimento, mas angolano de coração – foi morar no país africano aos 3 anos –, José

Vieira Mateus da Graça, que adotara o pseudônimo de Luandino Vieira. Engajou-se na luta contra a dominação portuguesa, que lhe custou mais de uma década na prisão, onde escreveu boa parte de sua obra. O espaço literário está centrado nos bairros pobres e, portanto, vítimas da discriminação e opressão econômica.

De acordo com Muniz, os verbetes "pseudônimo", "opressão", "discriminação", "desigualdades", os nomes africanos, a cultura angolana, foram motivo de muitos debates, além de idas ao dicionário e ao mapa. E, principalmente, às aulas de História, Português, Geografia, pois cada pergunta suscitava investigações e muito debate sobre seu significado e utilização.

Assim, conforme a história era contada, os alunos faziam muitos questionamentos. Onde era Luanda? O que é conto e o que é narrativa? Se a história se passava há muito tempo, como viam semelhanças com a realidade vivida por eles? A história é um conto popular angolano, mas não está preso a um determinado período. "Ele retrata muitas questões que, de fato, lembram situações do cotidiano brasileiro, porque são inerentes ao ser humano, como egoísmo, medo, raiva, etc.", afirmou o professor.

Mas do que se trata a história? Ela está relacionada com a disputa entre duas vizinhas por causa de um ovo. Nga Zefa tinha uma criação de galinhas, e uma delas, a Cabiri,

sempre dava um jeito de ir ciscar no quintal de Nga Bina, grávida e com o marido preso. Cabiri põe um ovo no quintal da vizinha. Sua dona reivindica o ovo, mas a mulher decide que não o devolverá por conta de que “desejo de grávida não deve ser recusado”. O bate-boca se instala, os vizinhos são chamados para mediar. De quem é o ovo? É a grande questão. Para os policiais não levarem a galinha e o ovo, o filho de Nga Zefa – Beto, um conhecedor da língua dos animais – canta para Cabiri que voa para perto dele. Sua mãe decide entregar o ovo para a vizinha grávida e assim todos se acalmam e ficam felizes com a resolução do conflito – menos o sargento que perdera um jantar gratuito. Louane Alcântara, 13 anos, disse que várias passagens lembram situações do cotidiano de seu bairro. Como o de policiais que tentam tirar vantagem pegando a galinha e o ovo, para “acabar com a confusão”.

Ao longo dos debates, Muniz incentivou os alunos a pensarem numa forma de apresentação do conto utilizando, por exemplo, programas de animação, desenhos, dublagem, dramatização. O trabalho de animação utilizando o *movie maker* envolve muitas técnicas e atividades: construção dos personagens, sonoplastia, sonorização, dublagem, enfim, muito treino e muito trabalho.

“O Armando é muito bacana, animado, superagitado e sempre traz coisas legais para a gente fazer. E esta proposta desta história foi muito legal. Aprendemos e nos divertimos” disse Ana Luiza, 13 anos, que teve duas atuações, encarnou a narradora e a personagem Bina. A experiência foi tão gratificante que a menina pensa seriamente em fazer artes cênicas para trabalhar, quem sabe, com dublagem.

Depois de definido que fariam uma animação, professor e alunos listaram as tarefas e as dividiram em etapas, como pesquisas sobre efeitos sonoros, desenhos, produção dos quadros a partir dos desenhos, trilha sonora, tipo de letra para os textos e créditos, modulação vocal, entre outras coisas. Além disso, os estudantes deveriam fazer os testes das vozes dos personagens e eles mesmos escolherem os colegas. E a finalização ficaria por conta de Muniz, que aproveitaria todas as oportunidades possíveis de fazer esta etapa junto com os alunos.

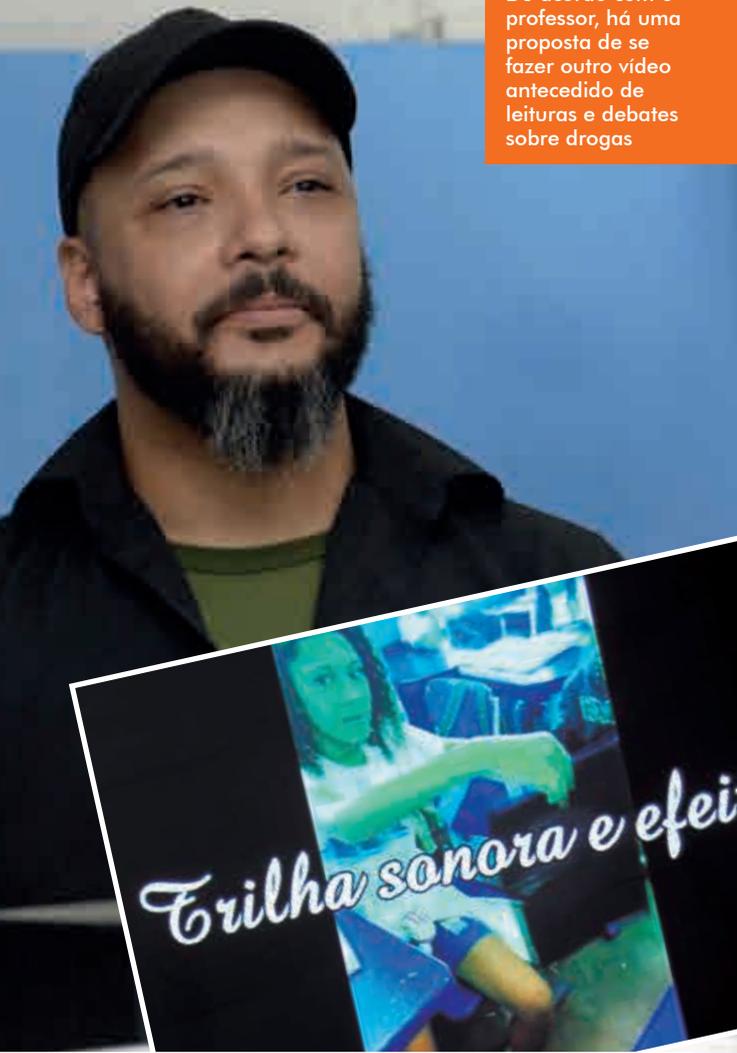
Vale o registro de algumas situações inusitadas: os desenhos em preto e branco foram feitos em folhas de cadernos; para mostrar o voo da galinha, a asa foi recortada e criaram-se vários quadros para dar os movimentos necessários; para o som do trovão usou-se o balançar de radiografias. A montagem levou quase um ano, sendo parte dos trabalhos feita fora do expediente do colégio. Louane lembra que certa vez brincando com uma amiga fizera uma voz de velho que veio a usar no seu personagem; inicial-



A história, que ganhou vida a partir do projeto, está relacionada com a disputa entre duas vizinhas por causa de um ovo



De acordo com o professor, há uma proposta de se fazer outro vídeo antecedido de leituras e debates sobre drogas



mente os alunos escolhiam os personagens, mas na hora da gravação eles mesmos viram que o melhor seria fazer o teste utilizando o celular para que definissem os "atores". Ao serem questionados sobre o que aprenderam com este projeto, todos os jovens foram unânimes em afirmar que várias lições foram assimiladas da história, como: valorizar a alteridade, escutar, ter paciência, ser mais solidário, trabalhar em equipe e até estar atento para perceber os sons, como ocorreu com um aluno que foi incorporado ao projeto por estar muito familiarizado com programas de música, incluindo batidas de *funk*, que foram utilizadas no vídeo.

De acordo com o professor, há uma proposta de se fazer outro vídeo antecedido de leituras e debates sobre drogas. Animados, os alunos já planejam o que vão desenvolver. "Aprendemos muito com o Armando, que nos ensina brincando, de forma muito legal. É o melhor professor que tivemos. É como se fosse nossa Talita Rebouças, ele nos entende", disseram os estudantes, felizes com o próximo projeto em que utilizarão a técnica do teatro de sombras. O melhor a fazer é aguardar a chamada para outra pré-estreia.



FICHA TÉCNICA

Desenhos: Quezia Evangelista, Lorrán Alves, Lucas Martins, Alice Rosa, Junior Monteiro e Lucas Ramos.

Vozes: Louane de Alcântara, Ana Luiza Carvalho, Eliane Rosa, Carolinne Laranjeira, Gian Carlos, Jonathan Lira e Viviane Bispo.

Trilha sonora e efeitos: Gustavo Araújo, Rafael Oliveira, Jhoni Constant, Fabrício Silva, Matheus Cunha, Mateus Felix, Ketlyn Calixto, Juan Calixto, Carlos Patrick Nunes e Lucas Matheus do Nascimento.



Escola Municipal Alberto Rangel
Rua José de Arimateia, s/nº – Cidade de Deus – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22773-570
Tels.: (21) 3342-7386 / 2445-0882
Coordenador: Armando Muniz
Fotos: Marcelo Ávila





Jovem cientista

Trabalho descobre talentos e incentiva alunos

Claudia Sanches

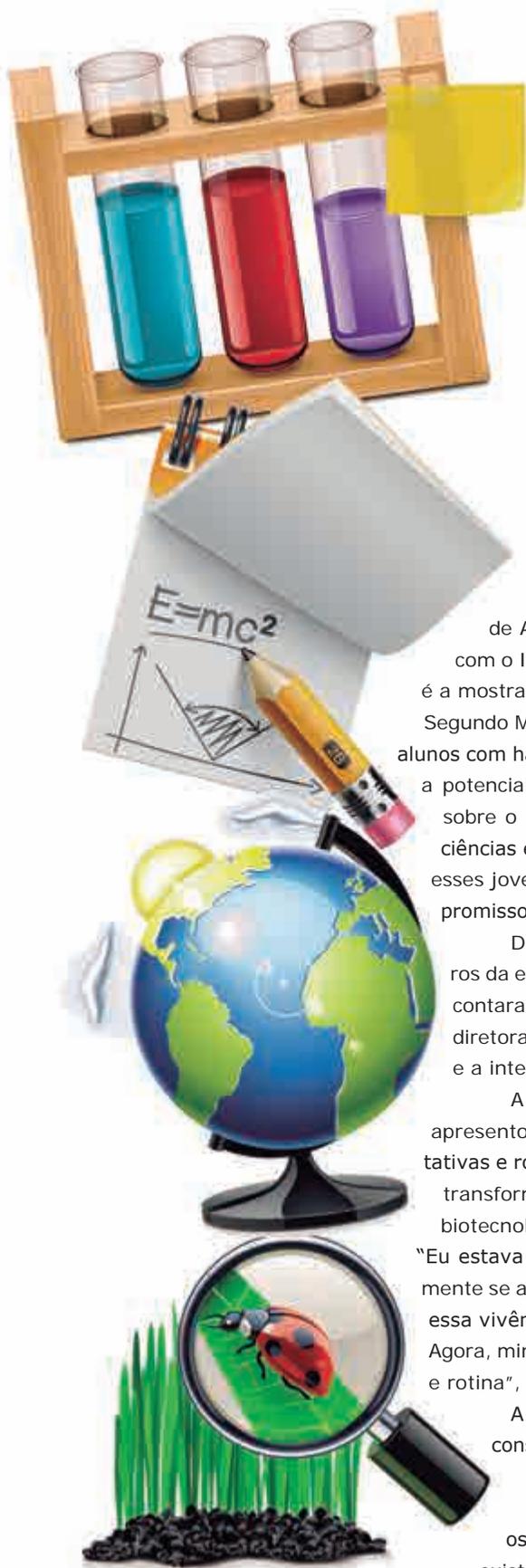
Com objetivo de promover o intercâmbio de livros, debates, apresentação da produção de conhecimento, o Colégio Estadual Guilherme Briggs promoveu a *II Feira Literária do Projeto Jovem Cientista*. O programa é iniciativa da Federação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj), em parceria com o Instituto Vital Brazil e a Universidade Federal Fluminense (UFF). A feira é a mostra de todos os trabalhos realizados durante o ano letivo.

Segundo Miriam Fragosa, psicóloga do Instituto vital Brazil, que faz a seleção de alunos com habilidades específicas para ciências, a meta desse trabalho é estimular a potencialidade dos estudantes para a área de pesquisa. "É importante falar sobre o papel inovador que esse projeto representa nas áreas de educação, ciências e tecnologia. O mais importante desse programa é dar oportunidade a esses jovens, com grande vulnerabilidade social, de vislumbrar um futuro mais promissor, a chance de sonhar e realizar", afirma.

Durante o evento, no auditório, houve a participação de escritores parceiros da escola da Muiraquitana Editora. Em uma conversa informal, os autores contaram um pouco sobre seu trabalho e como nascem as narrativas. Para a diretora Alcinéia Rodrigues, é uma forma de debater sobre a leitura, a escrita e a interpretação tanto do dia a dia, como de histórias reais ou imaginárias.

A aluna Júlia, do 3º ano, participa do programa e, durante o evento, apresentou o trabalho que está desenvolvendo, além de falar sobre suas expectativas e rotina. Júlia, que está na UFF, afirma que o envolvimento no programa transformou sua vida. "Estou na área de imunoparasitologia", o estudo da biotecnologia, presente no dia a dia nos hospitais, farmácias e laboratórios. "Eu estava numa zona de conforto. Com a experiência nos laboratórios minha mente se abriu para o mundo. Até pensava em estudar Letras, ser escritora, mas essa vivência está sendo um passo em direção a um sonho: estudar medicina. Agora, minha vida mudou, tenho um maior comprometimento com meus estudos e rotina", conta a estudante.

A professora Eleonora Abad, de História, afirma que um dos desafios é conseguir promover o diálogo entre as matérias: "Na minha disciplina estamos estudando as grandes navegações. Então houve uma oportunidade de entender o progresso científico que surge nesse contexto. Para levar os alunos a entenderem como nasce o pensamento científico moderno existe toda uma mudança na compreensão do homem, ele precisa observar,



Através de debates e trocas de ideias, o evento proporcionou uma interação maior entre professores e alunos

Durante a culminância do evento, estudantes apresentaram experiências baseadas em suas pesquisas



a Alemanha já a utilizam bastante. Aqui no Brasil, segundo o jovem, a matéria-prima para construção das instalações ainda é cara, mas essa realidade está mudando: "Há muitas pessoas que já constroem suas casas com o sistema de aquecimento da água através do sol porque é econômico. E a economia anda de mãos dadas com a sustentabilidade", explica Matheus.

Uma equipe do 3º ano fez experiências de Física, como a transformação da energia térmica em elétrica, o princípio do ferro elétrico, conhecido como efeito Joule. O grupo utilizou esponja de aço e uma pilha com dois polos: "O aquecimento ocorre por causa da colisão dos elétrons com os átomos do condutor", explicava a jovem Evelin. O aluno Caunã expunha a prática do princípio da corrente elétrica. Com uma diferença: em vez de utilizar metais, optaram por massinha, para revelar que esse material, bem mais barato, também é um ótimo condutor de energia. O grupo conversou sobre os chamados "gatos" (desvios de energia) a partir da engenhoca: "Além de essa prática enfraquecer a energia do outro, ela ainda provoca um aumento na conta do vizinho".

A ideia é mostrar que não só materiais nobres, como o cobre, são condutores e que a massa, por conter sais, conduz bem a energia elétrica, sendo por isso uma boa opção de custo-benefício. Estamos alertando as pessoas sobre temas aparentemente simples mas presentes no nosso dia a dia". O que mais impressionou a professora de Língua Portuguesa Carolina Luzitano foi a adaptação da linguagem que os jovens realizaram para as crianças pequenas da rede municipal que visitaram a feira: "Eles ficaram encantados com os experimentos, e uma menina ainda disse: 'Eu sei o que é energia, é aquilo que a gente precisa para pular e

pensar, fazer experimentos". A partir da teoria começaram a falar sobre as grandes invenções, como os astrolábios e mapas, e inclusive uma bússola artesanal foi construída e apresentada ao público no encontro. "Recriamos essa experiência realizada na época das grandes navegações em sala de aula, propondo um diálogo entre as disciplinas de Física e Biologia, interdisciplinarizando o conteúdo", explica Eleonora.

Outro trabalho interessante foi o da professora Eliane Costa sobre energia solar, aproveitando as disciplinas do currículo sobre as fontes renováveis e não renováveis. Os jovens construíram um banner com a proposta de se utilizar mais esse tipo de energia, que é renovável e limpa. O aluno Matheus explicava que em países como os Estados Unidos e



brincar”, relatou Carolina, que levou também seus filhos para interagir com as experiências.

Os representantes do grupo sobre DNA, que organizaram um ensaio para isolar os cromossomos de frutas, fizeram uma demonstração nos tubos com reagentes. “Estar fazendo ciências é algo inovador. Usamos Química, Biologia e Física para realizar as experiências”, contou Leandro que, depois de um mergulho em Arraial do Cabo, decidiu ser biólogo marinho.

A coordenadora pedagógica Denise Cortes explica que um dos focos da escola é o Ensino Médio Inovador, parceria com o Instituto Ayrton Senna, que fornece material e capacitação, com o aluno permanecendo em tempo integral na escola. O trabalho faz parte do Programa de Renovação Curricular (PRC) do governo federal, já aplicado em 52 escolas estaduais até agora. Os estudantes têm aulas de letramento em Língua Portuguesa e Matemática, projeto de vida, postura corporal e iniciação científica. “A proposta é promover a integração de todas as disciplinas”, conclui.

De acordo com a diretora, os alunos da escola hoje apresentam um perfil diferente. O envolvimento deles em todos os trabalhos é muito grande. Os projetos requerem autogestão, curiosidade investigativa, e o aluno é levado a adotar uma nova postura: “Nós conversamos muito durante as aulas e as atividades extraclasse sobre a forma de se comportar, independente da classe social e do poder econômico. Temos oficina de cabelo, de mulheres, cor, identidade. Sempre falamos que, conseguindo ou não realizar seus sonhos, eles devem levar fé em seu potencial, acreditar no futuro”, finaliza.



A Feira Literária reuniu exposição de trabalhos realizados durante o ano letivo, debates, intercâmbio de livros etc.



Colégio Estadual Guilherme Briggs
Rua Dr. Mário Vianna, 625 – Santa Rosa
Niterói/RJ
CEP: 24241-002
Tel.: (21) 3611-0559
E-mail: ceguibbs@gmail.com
Direção: Alcinéia Rodrigues
Fotos: Marcelo Ávila

Robótica ecológica

Trabalho desconstrói conceito de lixo e reinventa lixeira para coleta seletiva

Claudia Sanches

Desconstruir o conceito de lixo. Esse é o objetivo principal do projeto *Casa ecologicamente Inteligente*, que já é realizado há cinco anos pelo primeiro ciclo do Ensino Fundamental na Escola Estadual Visconde de Mauá. Esse ano o diretor do colégio, Jorge Luiz São Paulo, e Douglas Ferreira, que leciona robótica, desenvolveram uma “Lixeira Ecológica” e o Robô, ambos em PVC, apresentados na exposição da Semana de Ciência e Tecnologia da Faetec.

Os novos modelos dão informações sobre as consequências dos impactos de nossas ações sobre a natureza e os perigos da descartabilidade. “Não existe lixo, tudo é reaproveitável. Esse é um conceito do século XIX. Lixo é a tragédia de Nova Friburgo, por isso estamos trabalhando o conceito de descartável. Na lógica do capitalismo tudo pode ser jogado fora, inclusive a mão de obra, que, de

certa forma, vira lixo, no formato das terceirizações. Todos estão falando sobre esse tema, mas poucos olham para o problema profundamente”, explica Douglas.

Outra questão importante, de acordo com o professor Jorge, é a proposta da privatização da água e da poluição. “Quando falamos em agentes poluentes, lembramos das fábricas, carros, petróleo, construção civil, mas raramente da poluição doméstica, que é muito grande e não tem um controle oficial. A casa ecológica vem apresentar uma alternativa aos modelos de construção para levar à reflexão. Assim as turmas desenvolveram a concepção de “Robótica Orgânica”. “Estamos combatendo o modelo de sociedade de consumo. Não é parar de construir, mas ter a preocupação com a natureza. O planejamento inclui o aproveitamento das águas das chuvas, da energia solar e criação de hortas”.



O projeto, que faz parte da Agenda 21, ligado ao departamento de Ciência e Tecnologia da Uerj, tem uma fase teórica e outra prática. Ao contrário do que acontece em sala de aula, onde as áreas do saber são fragmentadas, nas oficinas, alunos e professores trabalham com um conceito holístico. É um espaço que atende tanto a demanda ambiental quanto a pedagógica dos estudantes. Precisamos recorrer a todas as áreas do saber. Para construir o robô necessitamos estudar a questão ambiental, falar sobre a história, recorrer à geo-

grafia, conceitos de física e química, estatísticas. "Aqui somos obrigados a fazer uma interconexão entre as disciplinas para construir nossos protótipos. Estamos estudando qualidade da água da baía da Guanabara e consultando dados estatísticos e amostras da água", cita Douglas, que é especialista em Educação Ambiental e tem um projeto de um documentário sobre a situação das águas, intitulado "Terra, planeta água". "Todos os alunos participam, e sempre um se identifica mais e se destaca. Douglas lembra que nem sempre é o melhor aluno da turma, como foi o caso de Michael, um estudante do Programa Aceleração no ano passado, que criou a solução para um motor a vapor.

A ideia de criar a lixeira interativa surgiu de uma constatação de que os modelos de coleta seletiva eram muito estéticos, mas não estavam sendo funcionais. Daí a alternativa do protótipo com a proposta de associar a cor a uma imagem de impacto, como, por exemplo, a foto de uma tartaruga engolindo plástico e morrendo, seguindo a mesma lógica das embalagens de cigarro. O robô possui sensores que indicam a presença de pessoas. Ao se aproximarem do autômato, ele fala da consequência do impacto de cada matéria-prima jogada na natureza, levando as informações necessárias. "Até hoje ainda não associei as cores aos materiais", brinca Douglas, realçando que a ideia dos alunos é algo simples mas genial.

Jorge ressalta que os projetos vêm de encontro a uma realidade desses jovens, que apresentam muita dificuldade de abstração, que vai se perdendo com a multimídia e o mundo virtual, das imagens prontas. "Os jovens estavam



A partir do projeto, os estudantes aprendem a desconstruir o conceito de lixo e criar experimentos com materiais reaproveitados

precisando de uma proposta mais concreta. Conceitos abstratos, como a 3ª Lei de Newton, Inércia e Impulso, precisam ser mostrados na prática. Quando fazem a experiência entendem melhor, eles precisam ver e tocar", declara.

Mário, 13 anos, é um dos alunos que não sai do laboratório. Desde muito pequeno ele já gostava de inventar. Segundo o adolescente, seu projeto de vida é fazer o Ensino Médio em Eletromecânica e poder trabalhar com motores: "Desde pequeno eu desmontava e reconstruía meus carrinhos. Hoje não tenho quase brinquedo nenhum", conta. Samuel, também de 13 anos, quer

seguir o mesmo caminho: trabalhar com motores e cursar faculdade de engenharia mecânica.

De acordo com Douglas, durante os encontros nos contraturnos das aulas, as ideias vão surgindo. Para o professor, a oficina é um lugar de invenções e de desenvolver a criatividade. A grande descoberta desse ano foi a possibilidade de fazer robótica. Ele explica que é um trabalho que sempre queriam fazer, porém muito caro. "Ao confeccionar outros aparelhos, conseguimos aproveitar a funcionalidade do PVC e a partir desse material estamos concretizando outros planos, alternativos à solda. E pudemos inventar muitos aparelhos, graças à versatilidade desse material. Assim foi construído o robô que dá informações sobre as consequências dessas práticas da sociedade de consumo. Não dá mais para ficar apenas cobrando atitudes do governo, temos que gerar ações que levem a mudanças concretas. Espero que, através do trabalho, eles entendam que as grandes revoluções são feitas através de pequenas ações, por pessoas comuns", conclui.

Os protótipos foram selecionados para participar da VIII Fecti – Feira de Ciências e Tecnologia, nos dias 15 e 16 de novembro, na Quinta da Boa Vista.

Escola Estadual de Ensino Fundamental
Visconde de Mauá
Rua Xavier Curado, s/nº – Marechal Her-
mes – Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21510-330
Tel.: (21) 2332-1054
E-mail: diretoriaeeefvm@gmail.com
Fotos: Marcelo Ávila



Claudia Sanches

Literatura no currículo

Escritor visita escola e emociona alunos e educadores

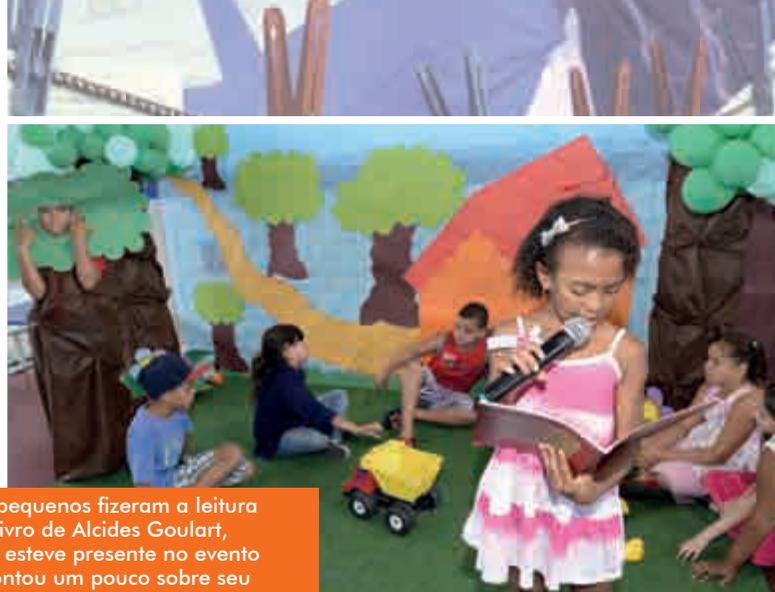
“**D**e onde vêm as histórias”, pergunta a pequena Ana Carolina. “Da imaginação”, responde o escritor Alcides Goulart. Sentadas em cadeiras na quadra da escola, crianças do Ensino Fundamental I ouvem, de maneira informal, o escritor falando sobre sua profissão. Conhecer um escritor, conversar, partilhar ideias e sentimentos sobre a literatura e vida são experiências que se tornaram possíveis graças ao projeto II Mostra Cultural – literatura para todos os lados, desenvolvido no Centro Educacional Estações do Ano (Ceeano).

Durante esse diálogo, Alcides, que escreve para o público infantojuvenil, contou um pouco sobre seu processo de criação, sobre sua trajetória como escritor e como surgem as ideias. “Comecei a escrever histórias um pouco tarde, há doze anos, e já escrevi 47 livros. Às vezes a narrativa surge de uma ideia como a de uma árvore que, em vez de folhas, tivesse bolas de gás”, brinca.





Os pequenos fizeram a leitura do livro de Alcides Goulart, que esteve presente no evento e contou um pouco sobre seu processo de criação



A coordenadora pedagógica Micaela Leandro lembra que a mostra cultural acontece todos os anos. No planejamento anual, a equipe pedagógica escolhe um autor para trabalhar em sala de aula e desenvolve tarefas em cima das obras durante um trimestre. “É importante que a leitura deva ser incentivada no ambiente escolar desde cedo. Trata-se de um momento em que o aluno está em contato direto com o professor, e isso facilita para que o mundo seja retratado através da literatura. Cada docente realiza um trabalho a partir de um título do autor. O mais interessante é que, como os estudantes já conheciam a obra, eles pareciam velhos conhecidos durante o encontro”, conta a coordenadora.

A turma do 2º ano adotou o livro “Atchim”, a história de um coelho que espirrava diferente e era discriminado pelo grupo. A professora Letícia Almeida produziu com as crianças releituras da história e confeccionou diferentes peças e desenhos com variados materiais reciclados. “O texto fala sobre ética e respeito ao outro, e aqui temos alunos com necessidades especiais e precisamos trabalhar as diferenças na própria escola, resgatando os valores que estão se perdendo com as transformações das famílias”, justifica Letícia.

O 5º ano escreveu histórias em forma de literatura de cordel a partir do livro “Amigo secreto”, com a professora Janaína Bruno, que realiza o projeto *Jovens leitores*. As crianças publicaram um livro de poesias, “Criando e poetizando”, que já está na 3ª edição. Os alunos escreveram sobre os amigos-secretos: “A maioria relatou em seus textos que os celulares e *tablets*, o ambiente virtual, eram o local em que eles podem fazer mais amigos”, conta a professora, uma entusiasta da literatura, que realizou um chá literário e uma noite de autógrafos com a presença dos pais e responsáveis.

“O Binóculo Mágico” foi abordado pela turma do 3º ano, que começou a explorar as ideias de ficção e realidade. Eles recriaram num coral, executando uma canção de Anita, intitulada “Zen”, para homenagear Alcides. Outra turma do 3º ano criou uma peça teatral a partir do mote “De mão

em mão”. Eles encenaram uma narrativa, uma paródia que falava sobre a infância a partir de um brinquedo. “Há histórias que emocionam mais, essa é uma obra que me cativou muito ao escrever”, confessou Alcides.

O livro “Uma história genial”, do 4º ano, deu origem à “Tenda dos desejos”, onde cada um falou e escreveu sobre seus sonhos, e um gênio os transformava em realidade. O aluno Diogo adorou a história e ficou encantado com o fim do livro: “O último desejo das crianças era ver o gênio libertado e não o dinheiro”, conta.

Alunos do 2º segmento que estavam lendo um livro de Alcides, adotado pela professora de Língua Portuguesa, “O que rola na escola”, curtiram tanto o trabalho do escritor que desceram para conversar com ele. Ana Beatriz e Stephani, do 7º ano, fizeram questão de entrar na fila dos autógrafos. “Achamos a história muito real e leve. Fala sobre o valor da sabedoria popular. Estou emocionada de ter essa oportunidade”, diz Ana Beatriz.

A coordenadora pedagógica observa que o mais marcante do trabalho foi ver o projeto realizado e a satisfação dos alunos, que fizeram fila para autógrafos e fotografias com o escritor: “Quando a gente entra em uma escola, deixa de ser só professor e se torna orientador, desempenha vários papéis. A presença de um escritor serve de inspiração para eles pensarem sobre a importância do papel da leitura na formação e que essa é uma profissão que eles podem escolher, já que todos têm essa condição, ao contrário do que pensava o aluno Rafael, que achava que o autor era uma pessoa diferente: ‘Ih, professora, ele é igual a gente’”, conclui a educadora.

Centro Educacional Estações do Ano
Rua Felipe Cardoso, 2.765 – Santa Cruz
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 23570-571
Tel.: (21) 3395-4238
E-mail: ceeanoped@hotmail.com
Direção: Iolanda Alves
Fotos: Marcelo Ávila

Inclusão Socioeducativa

Com intuito de sensibilizar os estudantes em relação ao respeito às diferenças,

o Colégio Estadual Leopoldina da Silveira, em Bangü, desenvolveu uma programação especial, como parte do projeto *Tecendo contos*. Durante o evento, foi promovido um encontro de jovens com necessidades especiais de colégios da região, que também possuem atividades de inclusão socioeducativas.

Idealizado pela professora Vera Lúcia Palermo Ferraz, da Sala de Recursos, e Valéria Gonçalves de Almeida, Animadora Cultural, o projeto *Tecendo Contos* tinha como objetivo estimular a sensibilidade tátil, visual, rítmica e motora, promovendo a interação entre o grupo de alunos. De acordo com elas, o colégio atende 50 alunos com necessidades especiais, divididos de acordo com a sua especificidade: surdos, cegos, cadeirantes e deficientes intelectuais. "Os alunos cadeirantes são acompanhados por monitores, os cegos por leitores e os surdos por intérpretes de Libras. Todos são atendidos no contraturno na Sala de Recursos, por um professor especializado em Educação Especial", afirmaram.

As idealizadoras contam que a iniciativa surgiu na Semana da Pessoa com Deficiência, que acontece entre os dias 21 e 28 de agosto. O encontro teve apresentação do grupo "Tecendo Contos", com o espetáculo de bonecos "O Caminho de Buda". "A história fala sobre o excesso de proteção do rei Sudodana em relação ao filho, o príncipe Sidarta Gautama. O teatro de bonecos passa a ter uma representação lúdica, uma característica essencial no processo ensino-aprendizagem", explicam.

Estudantes com deficiência visual da 1ª série do Ensino Médio do Colégio Estadual Albert Sabin, em Campo Grande, abriram a programação com uma apresentação musical. Marcio da Costa, de 16 anos, tocou bongô e *cajón*, enquanto Jeanderson Raposo, de



20, preparou um acústico com voz e violão. "A vida nos derruba, mas o poder de levantar está em nossas mãos", afirmou o aluno durante a apresentação.

A professora do Núcleo de Apoio Pedagógico Especializado (Napes), Vânia Ismael, falou sobre o intercâmbio de jovens com necessidades especiais promovido no projeto. "Muitos dos que estiveram aqui já haviam se comunicado pelas redes sociais, mas só hoje tiveram a oportunidade de se conhecer pessoalmente", comentou. A docente afirmou ainda que a programação foi apenas a primeira de muitas outras ações que acontecerão em função da Semana da Deficiência.

Criadora do teatro de bonecos "A vida do Buda" e uma das organizadoras do evento, Valéria, que se tornou contadora de história após participar de uma oficina no município,

manifestou seu objetivo com a apresentação teatral. "Minha intenção foi incentivar os alunos a participarem de uma futura oficina na escola", destacou.

A deficiente visual Carolina Reis, aluna da 3ª série do Ensino Médio, falou sobre o teatro de bonecos. "A maneira como contaram a história me chamou atenção, pois dava para imaginar e entender tudo muito bem", observou. O detalhamento de espaços e personagens, os sons e o ritmo da voz deram asas à imaginação do jovem Jeferson de Souza. "Achei a peça bem explicativa. Mesmo sem poder enxergar, dava para ter noção do tempo, do cenário e de todos os detalhes que existem num conto", afirmou o aluno da 3ª série do Ensino Médio.

As idealizadoras afirmam que, após a realização do evento, os estudantes já se mostraram interessados em dar continuidade a esses encontros. "Eles falaram em desenvolver um trabalho com as disciplinas de Artes e Língua Portuguesa. Elaborando uma nova peça teatral, onde eles próprios, além de serem os autores do texto, atuarão também como protagonistas da história, tanto os deficientes quanto os não deficientes", adiantam.

Colaboração: Jéssica Almeida



Colégio Estadual Leopoldina da Silveira
Rua da Feira, 77 – Bangu
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 21820-030
Tel.: (21) 2333-4942
E-mail: celepoldinadasilveira@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Estudantes com deficiência visual da 1ª série do Ensino Médio abriram a programação com uma apresentação musical





Superação

Deficiente visual fala dos benefícios que a atividade física trouxe para sua vida

Exercícios físicos são importantes para qualquer pessoa. Os principais benefícios acontecem na saúde física e mental, com redução dos riscos de doenças cardíacas e diabetes, controle da pressão arterial, além de prevenção de obesidade. É o que afirma a biomédica e palestrante da Appai Bruna Lanzillotta*. Sabendo dessas vantagens para a saúde, o associado Leir Pereira, que é deficiente visual, participa sempre que pode das corridas oferecidas através do Benefício Caminhadas e Corridas, ao lado de sua esposa Claudia Maria Ganim.

O associado conta que tem uma doença degenerativa chamada Retinose pigmentar, que causa a degeneração da retina, responsável pela captura de imagens a partir do campo visual. Por causa desse problema, Leir foi aos poucos perdendo a visão. “Aos vinte e quatro anos, enxergando em torno de 80%, entrei na Varig, companhia aérea na qual trabalhei por 24 anos e me aposentei pelo problema da deficiência visual, já completamente comprometida”, explica.

Mesmo com esse problema, Leir começou a participar das provas oferecidas pela Appai. “Tem dois anos que comecei a me dedicar à corrida. Minha esposa já praticava e me incentivou a ir com ela. Agora sempre corremos juntos, pois ainda não tenho um guia. Às vezes conto também com o apoio do meu professor Reginaldo”, lembra.

Leir explica que, além do incentivo da esposa, começou a realizar atividade física por causa da necessidade de melhorar a qualidade de vida, e a partir daí optou por caminhar e correr. “Segundo palavras da minha esposa, ela é minha visão e eu a disposição e incentivo para correr. Gosto tanto do esporte que, mesmo quando ela chega cansada do trabalho, vai de bico para o treino para não ver minha cara feia. No final ela me agradece e voltamos muito felizes”, brinca o associado.

Claudia, associada da Appai desde 1985 e diretora adjunta da Creche Municipal Jardim Monte Santo, conta que começou a correr a três anos, mas garante que não é fácil seguir o ritmo do marido. “Às vezes fico doida, pois ele quer sair correndo e eu não consigo acompanhá-lo. Ele sai me arrastando pela guia e todos acham que eu sou a deficiente visual. Diversas pessoas falam para ele: Coitada, vai devagar com ela e eu digo que ele é o deficiente e eu a guia”, relata a associada, divertindo-se com a história. Durante a prova, Claudia auxilia o marido, alertando o caminho:

direita, esquerda, quebra-molas, cone etc. “Temos nossos códigos”, conta.

Leir afirma que se inspira no seu professor Reginaldo. “Ele é uma pessoa que ama muito o que faz e sempre com muita paciência me conduz muito bem nos treinos”, reconhece. De acordo com o associado, a única dificuldade que sente durante as corridas é a falta de um guia para acompanhá-lo. “Ele ajudaria a me desenvolver melhor e sem medo, pois minha esposa não aguenta me acompanhar. No final das contas, acabo fazendo o tempo dela e não o meu”, argumenta.

O casal afirma que, depois que começaram praticar atividade física, muita coisa mudou na vida deles. “Me sinto mais disposto, meu ciclo de amizade aumentou e melhorou muito minha autoestima. Sinto-me o cara!”, fala Leir. Já a associada conta que emagreceu e sua saúde melhorou. “Ele me incentiva, tem muita disposição e resistência para correr. O melhor de tudo é que depois que começamos a participar das corridas ficamos mais unidos”, explica.

Claudia elogia a atitude da Appai em incentivar os associados a praticar atividade física. “Agradecemos a iniciativa de prevenção à saúde com essas atividades que são prazerosas e muito importantes para se obter qualidade de vida”, destaca. Leir deixa um recado para aquelas pessoas que ainda se mantêm sedentárias: “Vocês não sabem o que estão perdendo!”, garante.

A importância da atividade física

Segundo a biomédica Bruna Lanzillotta, algumas modalidades específicas de exercício são ótimas para o deficiente visual, como o pilates e a ioga, porque desenvolvem o equilíbrio, a consciência corporal e espacial, além da coordenação motora, melhorando a percepção do posicionamento ou do movimento do corpo do indivíduo. “Exercícios aeróbicos, como a caminhada e a corrida, são excelentes para a saúde cardiovascular. No deficiente visual, esses exercícios também auxiliam no desenvolvimento da coordenação motora para qualquer atividade dependente da movimentação das pernas (andar, descer escadas etc.) e ainda podem melhorar a capacidade de percepção espacial enquanto o indivíduo está em movimento. O desenvolvimento dessas habilidades é importante para que o deficiente visual se torne indepen-

O associado e corredor Leir Pereira. Abaixo, ele ao lado da esposa Cláudia, que o auxilia

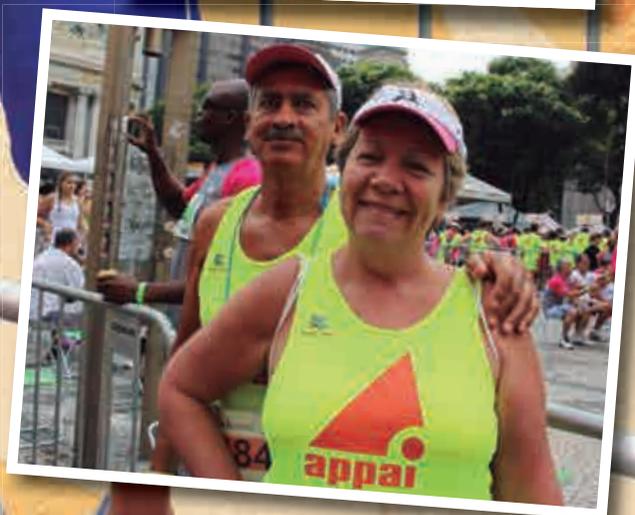
dente e ganhe confiança em tarefas corriqueiras, como se locomover em casa ou na rua”, explica.

Bruna afirma que esportes voltados para deficientes visuais são uma forma de inclusão. De acordo com ela, em várias atividades a coordenação motora, a percepção espacial, a consciência corporal e o equilíbrio são essenciais. “Indivíduos com visão normal adquirem essas habilidades, mas ainda contam muito com a visão para se localizar, se locomover ou para perceber o próprio corpo. O indivíduo com deficiência visual acaba desenvolvendo muito melhor esses sentidos justamente pela necessidade de se ver independente da visão para interagir com o mundo. Essa capacidade pode ser até uma vantagem para essas pessoas em alguns esportes”, afirma.

Para ela, é importante que os esportes sejam inclusivos, sendo muitas vezes necessárias pequenas adaptações. O futebol para cegos, por exemplo, possui uma bola com um guizo, para guiar os jogadores. Na natação, boias orientam o deficiente visual sobre o trajeto a ser seguido na piscina. “Além disso, em muitas modalidades o desempenho do atleta não está exclusivamente ligado à capacidade de enxergar e, portanto, não há motivo para limitar o acesso do deficiente visual aos esportes ou acreditar que ele não pode competir com quem não tem deficiência”, aponta a especialista.

* Bruna Lanzillotta é graduada em Biomedicina, com mestrado em Neurobiologia, ambos pela UFF.

Colaboração: Jéssica Almeida





Esporte de Orientação:

Uma nova prática esportiva

Sandra Martins

“Foi muita sorte a minha poder participar do campeonato do Esporte de Orientação. A gente se diverte muito. É uma oportunidade para poucos. Sei que muita coisa que aprendi vou levar para o resto da minha vida, como ‘ver e fazer um mapa’”, declarou Marcela Coelho, 12 anos. A menina foi uma das atletas participantes do 1º Campeonato de Orientação das Escolas do Município do Rio de Janeiro, que contou com os colégios Baronesa de Saavedra e Rosa da Fonseca, ambas da 8ª CRE, e do Ginásio Carioca Embaixador Araújo Castro (9ª CRE). O evento foi coordenado pelos professores da rede municipal Neir Braga da Silva e Marion Costa da Silva, ambos também pertencentes ao Kaapora Clube de Orientação e à Assessoria Esportiva Se Orienta Rio.

O local escolhido para a realização do campeonato também merece destaque por ser o terceiro maior parque carioca, perdendo somente para o Aterro do Flamengo e a Quinta da Boa Vista. Trata-se do Parque Madureira com mais de 90 mil metros quadrados de área, com ótimas estruturas, totalmente cercado, com banheiros, variados atrativos como quadras esportivas, pista de skate, jardim botânico sensorial, fontes, pista de Cooper e um corredor verde com mais de 1.500 árvores. A competição dos alunos foi montada no formato *Sprint* – uma das formas do esporte, praticada sempre em parques, bosques ou áreas urbanas, com percursos rápidos e poucos pontos de controle.

Mas o que é Esporte de Orientação? É uma espécie de *cross* humano onde o praticante deve percorrer variados tipos de terreno, como campos, matas, trilhas, rios. Mas pode ser realizado também em áreas urbanas, desde que se tenha apetrechos como mapa, croqui e esboço da área onde será praticada. Segundo Nema da Silva, professora de Educação Física e monitora do projeto, a Orientação pode ser comparada a uma “caça ao tesouro”, na qual o vencedor é o que completa o percurso no menor tempo.

Antes de iniciar a disputa, as crianças e adolescentes participam de uma palestra explicativa, fazem um aquecimento e recebem as instruções sobre os percursos. Cada orientista recebe um mapa detalhado da região da competição com pontos discriminados por círculos, ligados e



numerados em sequência, chamados de “postos de controle”, representados por “prismas” de base triangular, de 30 x 30 cm, sendo cada face dividida na diagonal, nas cores laranja e branca – que são previamente colocados no terreno. Os atletas terão que passar obrigatoriamente por todos os postos de controle, na sequência crescente numérica. No entanto, eles podem escolher

livremente as suas rotas entre cada posto. A forma de comprovação de que os atletas visitaram todos os pontos se dá pelo controle mecânico ou eletrônico. E no mapa também existe um espaço com quadrados numerados com a mesma sequência do percurso, que receberão o picote do grampeador (picotador), preso no prisma numerado pelo seu código de controle – com uma combinação de diferentes matrizes que perfuram o mapa pelo “picotador”. O árbitro de chegada tem cartões matrizes dos picotes que serão confrontadas com o cartão de cada atleta na sua chegada. Já a apuração pelo controle eletrônico é feita com *chips*, que são os mais utilizados em eventos oficiais, no Brasil e no mundo. Na Orientação, os atletas são divididos por categorias de nível técnico, pelo sexo e idade.

O professor e suboficial da Força Aérea Brasileira Neir Braga diz que o Esporte Orientação possui basicamente quatro vertentes: a primeira é a desportiva, com foco nos campeonatos; a segunda, pedagógica, desenvolvendo a parte educacional e interdisciplinar, nas escolas; a terceira ecológica, que evidencia o conhecimento e o contato com o meio ambiente, despertando no praticante o amor pela natureza; e, por último, a do turismo, com vista aos passeios orientados somente.

Esse esporte de origem escandinava – como alternativa de lazer e como instrução militar – passou a ser difundido a partir de 1850, chegando no Brasil por volta dos anos 1970. As pontuações dessas competições são importantes nos concursos para atletas nas Forças Armadas, como ocorreu com Raquel de Lima, adepta do esporte desde o Ensino Fundamental. Ela foi aprovada no concurso para atleta

da Marinha do Brasil nesta modalidade. Seu colega, Hugo Bittencourt, afirmou que assim que termine o Ensino Médio trilhará o mesmo caminho da amiga. Os dois atuaram como monitores orientando os estudantes no transcorrer da corrida.

O suboficial Fuzileiro Naval Levi Roberto, instrutor e técnico do Esporte de Orientação, diz que a aproximação do esporte militar com as escolas foi iniciada no Rio Grande do Sul, onde fica a sede da Confederação Brasileira de Orientação, com a introdução da disciplina eletiva nos currículos universitários para a formação de Educação Física. A CBO criou o projeto Escola Natureza com vistas à inserção nos currículos escolares, em todos os níveis, do desporto Orientação como atividade capaz de agir na formação integral de crianças, jovens e adultos, dentro de uma perspectiva de educação continuada. "Há um mapeamento topográfico do Rio de Janeiro, como o feito pela Rural (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro). É uma atividade esportiva inclusiva em que os atletas

podem participar desde quando aprendem a ler e escrever até o fim das suas vidas".

Atualmente, o cenário esportivo tende a levar o esporte para o espaço aberto, ao ar livre, interagindo com a natureza. Esta tendência mostra-se crescente diante da busca dos esportes de aventura, o que pode agregar valores que retratam uma nova dimensão do relacionamento homem-natureza. A proposta, segundo os professores, é incentivar a reflexão e a discussão sobre esse contato, e as experiências vivenciadas podem representar mais uma possibilidade para a Educação Física Escolar.

A professora Marion afirma que a corrida ou a caminhada orientada é um desafio interessante para os alunos. Essa atividade exige dos participantes competências relacionadas à leitura de mapas, ao conhecimento de escalas, utilização de bússola, melhorando a capacidade de orientação espacial. Há também a ênfase na educação ambiental e, dependendo da intensidade da proposta, a exigência

É uma atividade esportiva inclusiva em que os atletas podem participar desde quando aprendem a ler e escrever até o fim das suas vidas





As bases para realização do 1º Campeonato foram lançadas ainda em sala de aula, com professores apresentando o esporte para os alunos



de um nível de melhoria do condicionamento físico, dependendo do controle da intensidade em função do tempo estipulado para cada etapa do trajeto. “O Esporte Orientação permite a interdisciplinaridade, pois podemos fazer de tudo. E uma parceria que estamos desenvolvendo é com a disciplina de Inglês, idioma que usaremos para fazer o mapa”, disse animado Neir Braga. Os professores acrescentaram que para a confecção dos mapas são utilizados variados conceitos, como o matemático, com o sistema métrico nas escalas, e o linguístico, já que o conhecimento do português ajuda na interpretação das cartas. A inteligência lógico-matemática é uma habilidade muito requisitada, além de outras que apontam para a Teoria das Inteligências Múltiplas, de Howard Gardner, como a inteligência espacial (que obriga a construção mental do terreno em três dimensões) e a Inteligência físico-cinestésica (noções de esforço, de espaço e de relação).

O Esporte de Orientação também desenvolve outras habilidades, como a da resolução de problemas, seleção de informações pertinentes a uma determinada ocasião, utilização dos conhecimentos disponíveis para o enfrentamento de situações novas e inesperadas, ou ainda saber trabalhar em equipe, mostrar-se solidário com os colegas, respeitar-se e valorizar o trabalho dos outros ou não discriminar as pessoas por motivos de gênero, idade ou outros tipos de características individuais.

As bases para a realização do 1º Campeonato foram lançadas ainda em sala de aula, com professores orientistas apresentando o esporte para os alunos, como ocorreu com o docente Neir Braga em suas turmas de 5º e 6º anos da E. M. Baronesa de Saavedra. “Desenvolvemos, em 2013, o projeto *Escola Natureza*, envolvendo quatro escolas municipais – Baronesa de Saavedra, Coronel Corsino do Amarante, Ginásio Carioca Embaixador Araújo



Uma das vertentes do esporte é ecológica, que evidencia o conhecimento e contato com o meio ambiente



de Castro e Presidente Roosevelt. Levamos cerca de 140 crianças e adolescentes para o Parque Cidade das Crianças para praticarem Orientação Pedestre. Eles ficaram extremamente entusiasmados. Não era somente uma corrida, mas a interação entre os colegas, o contato orientado com a natureza, o aguçamento da percepção de que todos ali tinham um compromisso com o meio ambiente”, disse o professor Neir.

Com o êxito desta experiência, surgiu a ideia de propor a inserção da modalidade esportiva nos Jogos Estudantis do Município do Rio de Janeiro. Pesquisa feita pelos professores mostrou que muitos estados, e vários de seus municípios, já fizeram essa opção, como: Rio Grande de Sul, Paraná, Minas Gerais, Amazonas e Paraíba, por exemplo. “Esta inserção nos jogos estudantis ajudará a popularizar esta modalidade esportiva interdisciplinar, tornando-a acessível ao sistema educacional em todos os níveis”, salientou o professor Neir Braga. Ele ressaltou que o objetivo é que a Orientação seja usada de forma lúdica e criativa, como uma ferramenta pedagógica, sendo assim efetivamente um “esporte da escola”.

Se este sonho se tornar realidade, certamente agradará a todos os orientistas. É o que afirmou Matheus Vilar, 12 anos, da E. M. Baronesa de Saavedra, radiante com sua medalha. Para ele, este esporte deveria envolver todas as escolas do estado. “Seria muito legal participar de um campeonato com alunos de outros colégios e também de outros lugares”, disse o jovem orientista que pretende participar de mais.

1º Campeonato de Orientação das Escolas do Município do Rio de Janeiro
Local: Parque de Madureira
Coordenadores do projeto:
Marion Costa (marionsilva@rioeduca.net)
Neir Braga (bragaori@gmail.com)
Fotos: Marcelo Ávila



Ensino de Matemática: pontos e contrapontos

Nilson José Machado e Ubiratan D'Ambrosio – Organizadora: Valéria Amorim Arantes

Summus Editorial – Tel.: (11) 3872-3322

O maior objetivo deste livro é ampliar e aprofundar a análise sobre a teoria e a prática do ensino da Matemática, bem como suas dificuldades. Os autores estabelecem um debate acadêmico em que abordam e analisam, com profundidade, questões relevantes e polêmicas relacionadas ao ensino da disciplina.

Educação inclusiva – Práticas pedagógicas para uma escola sem exclusões

Luzia Guacira dos Santos Silva

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

O livro apresenta a discussão sobre termos e mitos em relação às pessoas com deficiência intelectual, auditiva, visual e física, sugestões de estratégias e recursos didáticos que podem ser aplicados ao processo de ensino, considerando a diversidade, as diferenças e as deficiências dos alunos.



Era uma vez...um fio

Manuela Monari – Ilustrações de Brunella Baldi

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Um menino percebe que há uma espécie de "fio" que une todas as pessoas, a natureza, o mundo, o universo. Uma obra sobre espiritualidade para crianças que, de maneira singela e poética, trata de assuntos profundos e transcendentais, como a presença de Deus na nossa vida, a religiosidade, o sentido da vida.



O julgamento do cachorro

Texto e Ilustrações Jótah

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Em uma noite, na fazenda do seu Leopoldo, o cachorro foi julgado e condenado a ser banido do reino da bicharada, por ser amigo do homem, o responsável pela destruição do planeta. Com um tema instigante e ilustrações dinâmicas e criativas, Jótah nos convida à reflexão sobre o ato de julgar e nos convida a ver todos os ângulos da questão.



Bicho, pra que te quero

Salizete Freire Soares – Ilustrações Ingrid Osternack

Editora Paulinas – Tel.: (21) 2232-5486

Um dia a família se reuniu para tratar de mudanças, pois teriam que se transferir para uma casa com menos espaço e com um quintal pequeno. Cada um da família entrou na defensiva por um bicho da casa e até o pequeno Amim não hesitou e rogou por Babi, a cadelinha que lhe dava tanto carinho e alegria, colocando assim o afeto acima dos interesses materiais.



Os ratos gêmeos

Léa Dupret e Nádia Dupret – Colaboradores: José Luís Dupret e Nelson Luís Dupret

Coleção Brincando e Lendo – Tel.: (21) 3685-2141

A Coleção Brincando e Lendo tem como objetivo desenvolver o gosto pela leitura, iniciada na alfabetização, através do Método Léa Dupret, e proporcionada por uma base na interpretação. Livro de história para fixação dos sons do r (erre) e suas diferentes grafias.





Um gol a favor da educação

Projeto aproveita folclore e datas comemorativas para discutir valores

Claudia Sanches

“**B**rasil somos todos nós”. Esse é o nome do tema que deu origem à Feira Cultural, realizada com alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Orlando Francisco. O projeto surgiu sob influência da Copa do Mundo, mas com a proposta de ir além: a ideia era aproveitar para trabalhar as regiões e o folclore brasileiro.

A diretora adjunta Roseane Gomes buscava novos desafios para despertar o interesse do alunado e experiências para gerar transformações em todos os aspectos da educação. A dinâmica do projeto funcionou muito bem: “O trabalho permitiu que essas crianças pudessem se reconhecer e conhecer mais sobre nosso país, abriu espaço para o diálogo e melhorou o desempenho e interesse em sala de aula, além da relação entre os corpos docente e discente”, garante.

A Feira Cultural, que reuniu a comunidade para apresentar as produções dos estudantes durante o ano, foi a culminância do projeto político-pedagógico *Orlando Francisco, fazendo um gol a favor da alfabetização*, com o tema sendo dividido em etapas pelos bimestres. “Não eram somente assuntos ligados ao futebol, mas ao Brasil. Essas crianças têm pouca oportunidade de sair do lugar onde moram, então o projeto, por proporcionar atividades extraclasse, artísticas e esportivas, além dos passeios, oferece



Os alunos fizeram um passeio pelas riquezas do Brasil, aproveitando o folclore e datas comemorativas para discutir valores



divertimento à garotada”, justifica Viviane, diretora-geral. Durante o encontro, uma confraternização entre os familiares, as turmas apresentaram danças típicas de todo o país e os trabalhos realizados no dia a dia na escola.

Os alunos fizeram um passeio pelas riquezas que o Brasil tem, mas começaram a trabalhar a partir do próprio município que habitam. Através de pesquisas de campo e Internet os estudantes fizeram um levantamento de dados do município e descobriram como o lugar em que moram é carente de lazer em comparação com outras áreas. Em todas as tarefas as professoras puderam aplicar o conhecimento fora de sala de aula. “Foi uma emoção muito grande ver nossos alunos conhecendo o Sul. Muitos perguntaram se ali era realmente o Brasil. O trabalho aguçou a curiosidade para eles aprenderem cada vez mais, porque cada pesquisa gerava mais ações em torno de descobertas”, conta a diretora.

Durante os bimestres as turmas foram explorando todas as datas festivas com abordagens diferentes. No Dia das Mães, por exemplo, Viviane conta que homenagearam a figura materna e todas as mulheres através de ações sociais que incluíam oficinas de artesanato, principalmente para as que não trabalham fora, como uma forma de aprender a gerar renda extra. Através de uma parceria com a empresa Embeleze, as mães tiveram uma tarde de embelezamento, uma oportunidade de se tratarem com carinho e elevarem a autoestima. Nesse dia a maioria dos visitantes também descobriu que há um órgão de políticas públicas para a mulher: “Poucas pessoas sabiam que existia esse órgão, a Secretaria Estadual de Políticas para as Mulheres, que cuida dos nossos direitos. Queremos a comunidade dentro da escola”, lembra Roseane.

O Dia dos Pais não foi diferente. A homenagem começou com debates, abordando a realidade e os valores da sociedade. Segundo Viviane, grande parte das crianças não tem pai, então as turmas exploraram a mudança na sociedade moderna, a transformação da família: “Muitos responsáveis puderam descobrir essas novas formas de família, e o próprio colégio já é um retrato dessa transformação. Levamos as pessoas à reflexão”.

Na Copa do Mundo, o orientador Jorge Francisco realizou campeonatos, circuitos, jogos com questões sobre os países, bandeiras, trabalhou os hinos, principalmente o Nacional Brasileiro. João Pedro, do 5º ano, surpreendeu as professoras com sua participação ativa no projeto: “Ele modificou sua postura em sala de aula, no desempenho escolar, se mostrando prestativo e participativo em todas as etapas do trabalho”, conta o professor.

No Dia do Trabalhador o programa foi voltado para as profissões. Para começar abordaram a função dos profissionais da própria escola. Partiram do microcosmo para a realidade fora do colégio. Primeiro percebeu-se que os alunos desconheciam a função de cada um. Para Roseane o diálogo despertou o senso crítico nas crianças: "Começamos a ouvir delas coisas como 'ela é inspetora, mas eu não a vi tomando conta de ninguém', por exemplo", conta. Em seguida partiram para as famílias. Assim foram para casa e começaram a perguntar a profissão dos familiares e a função. "Descobrimos que muitos responsáveis não têm profissão. Encontramos desde enfermeira-chefe a vendedor de balas. A clientela é bastante diversificada. Em seguida conversaram sobre o talento de cada um, seus sonhos, e falamos sobre diversas possibilidades profissionais além de jogador de futebol e modelo", explica Viviane.

O Dia do Amigo foi utilizado como base para explorar a questão dos relacionamentos em sala de aula. A partir de conflitos reais os professores de turma desenvolveram atividades com os grupos. Uma delas foi falar sobre o melhor amigo e as identificações entre eles. Para promover uma socialização e maior interação entre os grupos, as crianças se reuniram em círculo e eram chamadas para dar um abraço no colega. Só que o amigo era secreto: "era preciso pegar o nome em um sorteio. Além das brincadeiras, elas escreveram cartas para os colegas e colocaram no mural da sala".

Segundo Viviane, o mural foi um sucesso e continua na parede da sala sendo usado para recados, declarações e confraternizações. Através desse trabalho, os educadores acabaram descobrindo um aluno que tinha grande dificuldade de relacionamento. Encaminhado para um psicólogo, chegaram à conclusão de que a criança tinha problemas neurológicos. "Olha onde nosso esforço pode chegar. Hoje a gente consegue resolver muitos conflitos desse jovem, porque sabemos disso, e podemos usar estratégias para trabalhar com ele. Assim ele está muito melhor e isso se reflete no relacionamento com o grupo, embora ainda não haja um diagnóstico", relata Roseane.

Para Viviane, o trabalho foi uma forma não só de estimular o aluno, mas de levar motivação ao corpo docente: "Uma maneira de se sentir motivado é ver o impacto de nossas ações nesses grupos. Nossa missão de educador é dar oportunidade para que esses jovens cresçam. São muitos os desafios, mas temos consciência de que deve começar por nós", finaliza.

Escola Municipal Orlando Francisco
Rua José Antônio Nohra, 24 - Agostinho
Neto - São João de Meriti/RJ
CEP: 25545-330
Tel.: (21) 2650-2088
E-mail: e.morlandofrancisco@gmail.com
Fotos: Marcelo Ávila





Galpão das Artes Urbanas

Destinado a incentivar artistas, profissionais e cidadãos envolvidos na prática da reciclagem de materiais foi inaugurado, em julho de 2002, o Galpão das Artes Urbanas Helio Guimarães Pellegrino. Trata-se de um projeto ecológico, cultural e social, cujo objetivo é mostrar a importância da preservação do meio ambiente.

O projeto foi criado por iniciativa da Prefeitura do Rio de Janeiro, através da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb), em parceria com a Secretaria Municipal das Culturas. Ele trata o ciclo de reaproveitamento dos resíduos urbanos transformados em obras de arte.

O nome do galpão é uma homenagem ao artista plástico e arquiteto Helio Guimarães Pellegrino, um visionário na arte da reciclagem no Brasil. O painel, de cinco metros de altura por dez de largura, localizado na frente do galpão, é uma criação em que o artista se utilizou de restos de obra, cascalhos e outros materiais de construção para transformar a fachada num mosaico.

PREFEITURA

Galpão das Artes Urbanas
Helio Guimarães Pellegrino

O Galpão das Artes Urbanas é uma iniciativa social criada com o intuito de reduzir, através da arte, a enorme quantidade de resíduos produzidos a todo instante pela cidade. O espaço está localizado em frente ao Planetário da Gávea e funciona de segunda a sexta-feira, das 9 às 17 horas, com entrada franca.

Colaboração: Jéssica Almeida

Galpão das Artes Urbanas Helio Guimarães Pellegrino
Rua Padre Leonel Franca, s/nº – Gávea
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22000-000
Tel.: (21) 2249-2286





É tempo de aprender

Diferentes áreas do conhecimento se unem na construção do saber

Sandra Martins

No Salão Imperial, Ana Beatriz convida os presentes para saborear poesias como o fariam com um bom champanhe. Duas voluntárias, da pequena plateia, recebem uma taça com um pergaminho contendo uma frase ou uma estrofe de um poema para ser lido e compartilhado com os demais. Em seguida, todos são brindados com a *performance* teatral de Melissa e Kelwin, que sob os acordes de “Quem Sabe”, do maestro Carlos Gomes, dá vida ao tema do projeto: o amor sob a ótica do romance de Ganymedes José – “Um amor do outro mundo” –, que trata de um triângulo amoroso.

O pequeno esquete foi idealizado pelos estudantes da turma do 7º ano do Externato Santo Antônio, no bairro de Trindade, no município de São Gonçalo, e integrou uma extensa programação da XVIII Feira do Livro, que leva o nome da instituição. Todas as séries – da Educação Infantil ao Ensino Fundamental – participaram das atividades que envolveram contação de histórias, saraus, teatro, estandes, oficinas, produção de audiovisuais e até um Baile com Minueto, com os alunos vestidos a caráter!

A sala ambientada como um salão imperial dava o tom do envolvimento dos jovens na atividade coordenada por Kézia Fátima e Maria de Fátima Gonçalves da Silva, respectivamente professoras de Língua Portuguesa/Redação e de História. O belo figurino de época foi idealizado pelos alunos a partir de muitas



Com belo figurino de época, a sala ambientada como um salão imperial dava o tom do envolvimento dos jovens na atividade



Mas empenho foi o que não faltou em todos os momentos da Feira do Livro, que é um evento tradicional da escola. Em sua décima oitava edição, percebe-se que a instituição tem um trabalho de longo prazo com a questão da leitura. É o que revelou Maria Augusta Quintanilha, coordenadora geral do programa, ao citar que muitos daqueles alunos eram filhos e netos dos primeiros estudantes do externato há mais de 40 anos. O despertar do interesse pela leitura está diretamente relacionado com o incentivo nos primeiros anos de ensino, e uma das incentivadoras foi Rosa Maria Bruno, diretora-geral, que iniciou as atividades do hoje Externato Santo Antônio como alfabetizadora em 1971. “Ela é nossa grande mentora e fonte de estímulo, que nos faz acreditar no slogan desta 18ª edição da Feira do Livro: ‘Não vendemos livros e sim conhecimentos literários!’”, afirmou Maria Augusta.

Entre os vários momentos marcantes de uma feira com 18 anos de histórias, Maria Augusta citou a primeira edição, cujo tema central foi o universo de Monteiro Lobato; na segunda, ao ganharem um concurso da Editora Melhoramentos, a feira contou com um dia de autógrafos do cartunista Ziraldo; na nona edição, uma turma do 9º ano participou de um concurso resultante de uma parceria entre os Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil e Academia Brasileira de Letras, e a redação de uma aluna da escola tirou o primeiro lugar. Um *banner* gigantesco ilustrava este momento de glória.

Construção das ações – A princípio, foram selecionadas histórias com temas diversificados presentes no cotidiano dos alunos, propiciando-lhes o contato com as inúmeras

pesquisas na internet, em livros e audiovisuais. Para eles, não bastava ver o estilo da roupa, mas o conjunto: cabelo, maquiagem, adereços. “Muitas coisas conseguimos no acervo do colégio. Porém, tivemos alunos que alugaram vestidos, ternos, assim como alguns resolveram comprar algumas peças”, revelou a professora Kézia, muito feliz com o resultado do empenho de seus alunos.

Rosalil Rocha, tia de Diego Airdo, um dos “atores” que dançaram o Minueto, e também professora, gostaria que todas as escolas incentivassem seus docentes e alunos a investir no lúdico. “Além de ser extremamente gratificante para os que estão diretamente envolvidos, porque é tudo feito com muito carinho, trocas intensas entre os próprios alunos, percebe-se que o aprendizado rende muito mais. O trabalho é feito de forma lúdica e com o incentivo à criatividade e autonomia, claro que supervisionados pelo professor”.

Quem Sabe

Maestro Carlos Gomes

Tão longe de mim distante
Onde irá, onde irá teu
pensamento

Tão longe de mim distante
Onde irá, onde irá teu
pensamento

Quisera, saber agora
Quisera, saber agora

Se esqueceste, se
esqueceste
Se esqueceste o juramento.

Quem sabe se és constante
Se ainda é meu teu
pensamento

Minh'alma toda devora
Dá a saudade dá a saudade
agro tormento

Tão longe de mim distante
Onde irá onde irá teu
pensamento

Quisera saber agora
Se esqueceste se esqueceste
o juramento.

formas de expressão das linguagens. Ao longo do projeto, eles reencontraram autores que já conheciam e descobriram outros, aprendendo a articular a leitura dos textos com o entendimento do mundo.

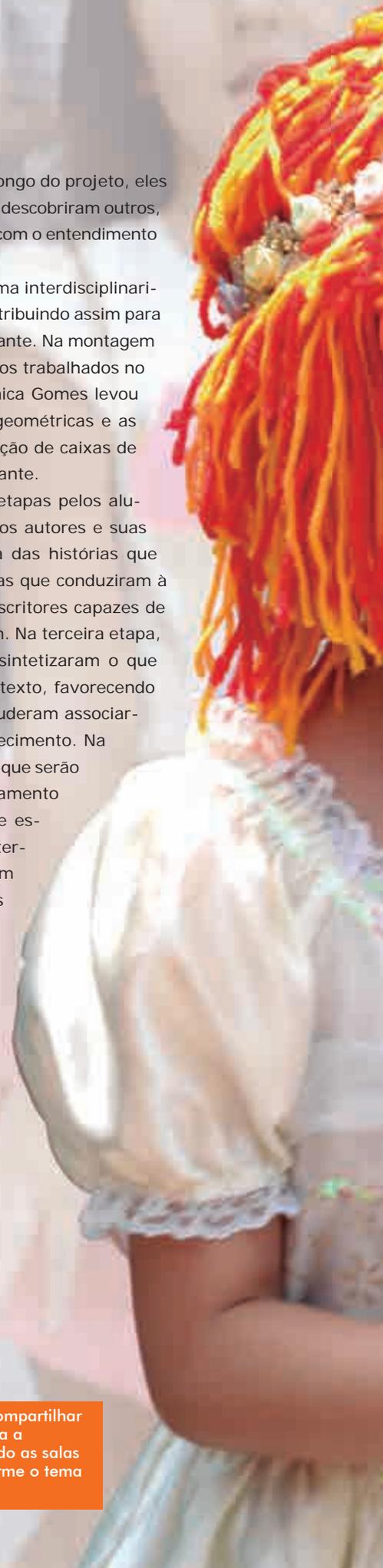
Embora seja uma Feira Literária, há uma interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber, contribuindo assim para o enriquecimento do aprendizado do estudante. Na montagem do casarão da personagem de um dos livros trabalhados no projeto, por exemplo, a professora Verônica Gomes levou seus alunos a trabalhar com as formas geométricas e as operações matemáticas através da utilização de caixas de uma determinada embalagem de refrigerante.

O projeto foi desenvolvido em cinco etapas pelos alunos. Na primeira, com o conhecimento dos autores e suas respectivas obras; na segunda, a leitura das histórias que promoveram experiências, situações novas que conduziram à formação de uma geração de leitores e escritores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem. Na terceira etapa, os alunos selecionaram, organizaram e sintetizaram o que seria necessário para a produção do seu texto, favorecendo também a multidisciplinaridade, já que puderam associar-se a interesses de outras áreas do conhecimento. Na quarta, os alunos construíram os trabalhos que serão expostos. Na última etapa, o compartilhamento das experiências com toda a comunidade escolar, quando todas as salas e áreas externas – pátio, corredores e quadra – foram ambientadas conforme o tema de suas unidades de ensino.

Na Educação Infantil, os autores privilegiados foram Monteiro Lobato, Vinícius de Moraes, Maurício de Sousa e Bia Bedran. As atividades criadas envol-



Os estudantes puderam compartilhar suas experiências com toda a comunidade escolar quando as salas foram ambientadas conforme o tema escolhido





A leitura das histórias que conduziram à formação de uma geração de leitores e escritores capazes de dominar as múltiplas formas de linguagem



veram tapetes voadores, oficinas de pintura e estúdio de fotografias.

Destaque: Autoestima. “Camarim da Turma da Mônica”. É fácil imaginar que o sucesso foi garantido neste camarim, que tinha uma arara com plumas, fantasias e adereços, maquiagens e um grande espelho, onde as crianças se revezavam para olhar a sua própria produção. Era um tal de pôe pluma, tira fantasia, coloca chapéu, tira óculos, sempre com a maquiagem em dia... para depois começar tudo de novo!

Na Educação Fundamental, do 1º ao 5º anos, os autores foram Vinícius de Moraes (Descoberta dos anos 1960 e 70, com a relação entre discos de vinil e CDs), Monteiro Lobato (“Reinações de Narizinho” e “O Casamento de Emília e Rabi-có”), Ana Maria Machado (“A casa da vovó”, com ambiente propício para escutar e ver a vovó contando historinhas para seus netos), Ruth Rocha (painel interativo em que os participantes também fizeram suas intervenções colocando suas notas ou pinturas) e Maria Clara Machado (“Pluft, o fantasminha”, onde foi construído um ambiente de castelo mal-assombrado com teias, morcegos, sons estranhos).
Destaque: Amor geracional. “Vovó é mãe com açúcar.”

O segundo segmento trabalhou com autores como Alexandre Azevedo e Carlos Augusto Segatto (“A última flor de abril” – a entrada do casarão foi feita com mais de 80 caixas de refrigerante e um belo jardim com lindas flores de papel, onde os visitantes puderam

Na Educação Fundamental, a pequena Emília encantou a todos representando a história “Reinações de Narizinho”, de Monteiro Lobato



As salas interativas faziam a alegria não só da garotada, mas também de todos os presentes, incluindo professores e responsáveis



apreciar e vivenciar toda a história contada pelos alunos caracterizados); Ganymédes José (“Um amor do outro mundo” – o salão nobre com direito a um sarau literário e um baile em que dançaram o Minueto, onde os alunos estavam trajados de barões e baronesas do século XIX); Antônio Gil Neto e Edson Gabriel Garcia (“À flor da pele” – exposição do trabalho interativo ornamentado com flores feitas de pano, em cujo miolo os visitantes colocavam seus sentimentos); Lannoy Dorin (“No ano passado” – a ideia principal era pensar que os jovens não estão somente preocupados com festas, mas também com o amor ao próximo. Sendo assim, a turma fez uma campanha de arrecadação de alimentos e produtos de higiene pessoal para doar às instituições de caridade); e, na Informática, a proposta foi de que, através da rede de pesca, caímos nos braços de Dorival Caymmi (rede de pesca x rede social – sala interativa onde os alunos apresentaram os vídeos que criaram contando a história do cantor e compositor baiano radicado no Rio de Janeiro).

Destaque: Solidariedade. Por que não fazer uma ação como propõe Dorin dentro do universo da realidade da própria comunidade local? Provação aceita de bom grado, que fez os jovens (re)pensarem suas próprias ações e ver o seu entorno com os olhos do coração.



Externato Santo Antônio
 Av. São Paulo, 502 – Trindade
 São Gonçalo/RJ
 CEP: 24456-210
 Tel.: (21) 2701-2748
 Diretora-geral: Rosa Maria Bruno
 Fotos: Marcelo Ávila

Novo site da Appai



WWW.APPAI.ORG.BR

Assistência Funeral 24h

0800 0234600

A APPAI disponibiliza o [benefício coletivo de Assistência Funeral 24h](#), através de um convênio com uma Seguradora que dispõe de profissional especializado na execução de procedimentos funerários necessários, evitando que a família, num momento difícil, tenha de se envolver com assuntos burocráticos e financeiros, sem qualquer custo.



Geomarte

Professora de Matemática cria projeto que une geometria e arte

Com intuito de oferecer uma alternativa de ensino mais contextualizada da geometria para seus alunos do Ensino Médio, a professora de Matemática Fátima Cristina Ayrola de Carvalho, do Colégio Estadual Professora Zélia dos Santos Côrtes, de Nova Friburgo, criou o Projeto *Geomarte*. A iniciativa, que une geometria e arte, surgiu em 2005 e este ano está sendo desenvolvida uma nova etapa, que abordará alguns pintores brasileiros e sua relação com as figuras e sólidos geométricos estudados no 2º ano do Ensino Médio.

A ideia do *Geomarte* surgiu com a possibilidade de proporcionar aos alunos uma aprendizagem mais contextualizada em um campo da Matemática: o geométrico. “Constatamos que a falta de requisitos fundamentais para a aquisição de novos conceitos na geometria plana, geometria espacial e geometria analítica acarreta desinteresse por parte dos alunos do Ensino Médio devido às dificuldades encontradas”, afirma a docente.

De acordo com ela, visitar uma exposição de obras de arte constitui uma excelente oportunidade para a interdisciplinaridade. “Pode envolver as matérias de Matemática (descobrimo linhas retas e curvas, polígonos, poliedros e circunferências), de Português (escrevendo comentários sobre as obras vistas), História (contextualizando a época para entender as escolhas dos artistas), Filosofia (interpretando a simbologia contida no quadro) e Educação Artística (produzindo quadros e aplicando o aprendido na análise da obra estudada)”, explica.

A educadora ressalta a importância da arte: “Enquanto linguagem, interpretação e representação do mundo, é um instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência, pois possibilita o contato da pessoa com seu universo interior e com a realidade em que vive. A humanidade, ao longo de sua história, viu passar diversas tendências artísticas. Mas foi no século XX que o ser humano mais presenciou trabalhos de artes plásticas usando diretamente as formas geométricas. Alguns artistas empregaram linhas, polígonos, poliedros e círculos para fazer a sua rerepresentação da realidade”, relembra.

O projeto tem por meta a formação de pessoas críticas, criativas, participativas e autônomas, oferecendo meios efetivos para que cada aluno venha a conhecer, discutir e pesquisar diferentes momentos artísticos e históricos. E, fundamentalmente, promover o desenvolvimento de sua autoestima pela valorização de suas ações, sejam de pesquisa, produção de textos e/ou trabalhos artísticos. Para execução, o *Geomarte* foi dividido nas seguintes etapas:

1ª Etapa

A primeira consistiu em visitas a exposições, entre elas: Desenhos com Carvão de Adair Costa, Salão de Artes Visuais, Mosaicos de Dirce

Montechiari, Pintura a óleo de José Américo de Farias, todas localizadas na Usina Cultural de Nova Friburgo. Além de visitarem o Chalé do Nova Friburgo Country Clube, os alunos foram acompanhados pela professora Marília Chermont Bastos e orientados pela artista Adair Costa.

Durante as visitas, os alunos puderam conversar sobre a necessidade e importância da expressão através da arte, criar desenhos livres ou que estivessem relacionados com figuras geométricas estudadas. "Constatamos que alguns alunos pesquisaram, espontaneamente, maiores informações sobre os diversos momentos de produção artística ao longo da história em livros ou na internet", conta Fátima.

2ª Etapa

Na segunda etapa do projeto, os estudantes produziram trabalhos artísticos a partir das obras vistas nas exposições e/ou observadas a partir de gravuras de artistas como: Paul Klee, José González, Georges Braque, Peter Philips, Josef Albers, entre outros. Foi sugerido que os alunos fizessem trabalhos como desenhos e colagem com carvão, recorte e colagem com papel, mosaicos com papel etc.

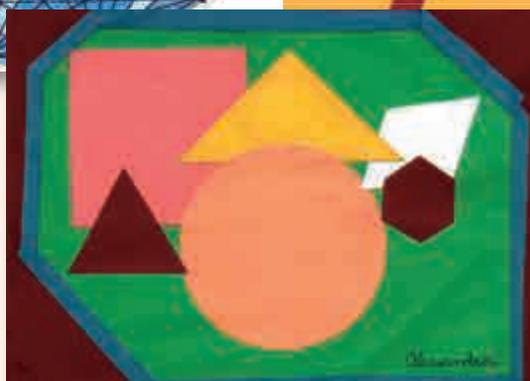
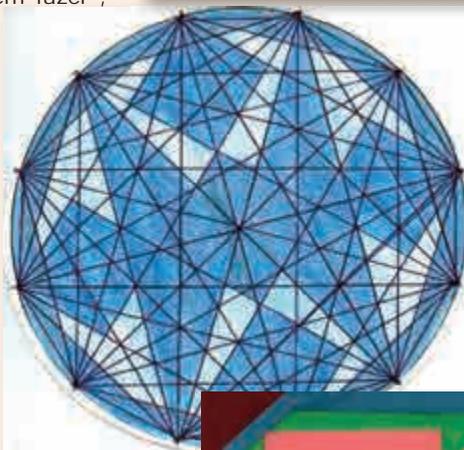
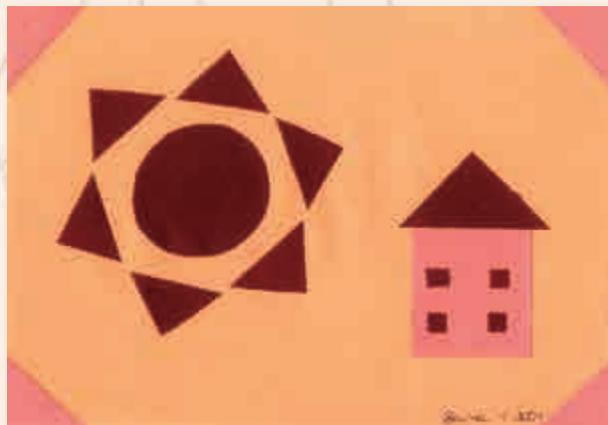
3ª Etapa

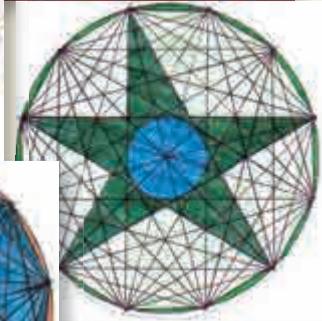
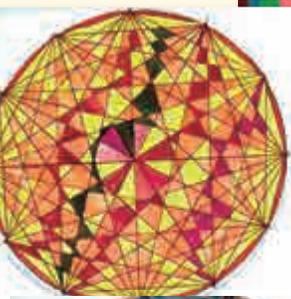
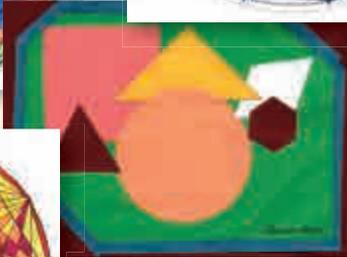
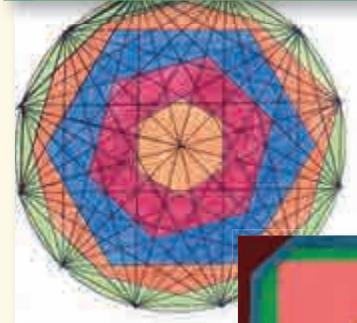
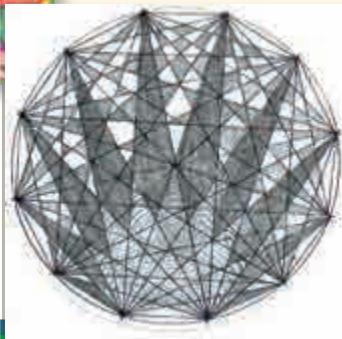
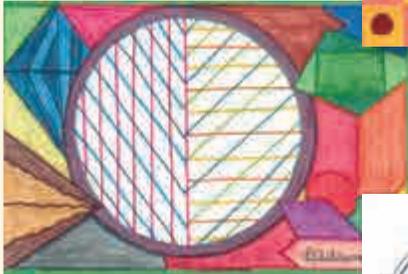
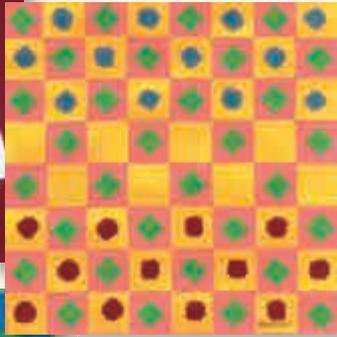
A terceira etapa contou com a exposição dos trabalhos confeccionados pelos alunos, entre eles a exposição daqueles feitos com carvão. A quarta etapa foi marcada pela confecção de um CD e site para divulgação do projeto. "Nestas primeiras etapas as criações artísticas produzidas pelos alunos não serão avaliadas dentro do rigor dos traçados de linhas, retas e ângulos, mas sim da criatividade e, sobretudo, do interesse em fazer", explica a professora de Matemática.

O elogio da artista

A artista plástica Adair Costa, cuja exposição "Desenhos com Carvão" foi vista de perto pelos alunos, conta que se sentiu honrada com a visita da turma a sua exposição. "Senti-me feliz em perceber que aquela aula não era uma ficção, mas sim um momento onde, partindo de imagens produzidas do imaginário do artista, os estudantes poderiam, através do pensar e do pesquisar no contexto de sua vivência do cotidiano, ampliar de maneira real o mundo das ideias, desenvolvendo assim a médio e longo prazos um panorama novo", relata.

Adair revela também que foi convidada a visitar a escola e teve a oportunidade de conviver mais proximamente com todas as turmas. "Os alunos me apresentaram não só os trabalhos plásticos,





mas também os textos que escreveram a respeito do que puderam apreender de tudo que conversamos no local da exposição. Tanto a atividade com carvão, como os textos, demonstrando a sensibilidade e a captação do que consideramos o essencial num trabalho artístico, me emocionaram muito, me dando muito mais ânimo para continuar minha caminhada na produção artística, que só terá sentido a partir de ações desta natureza”, elogia.

Não foi somente Adair que se encantou com os trabalhos das turmas. O aluno Rafael Passos conta que também se surpreendeu com a artista. “Achei que a Adair fez diversos trabalhos interessantes e criativos. Principalmente quando as obras são feitas de carvão, que para muitos de nós só serve de combustível para churrasqueiras, mas para pessoas com talento e criatividade podem se tornar belas obras de arte. Deve ser muito prazeroso para o criador das peças ver surgir de um simples carvão magníficas obras cheias de vida e que encantam várias pessoas admiradoras ou não de arte. Isso também nos mostra que a arte está onde nossos olhos enxergam”, explica o estudante da turma 3.001.

Resultados positivos

A professora de Matemática conta que, após a realização das etapas, notou uma melhora no desempenho dos alunos. “No que se refere à identificação de posições relativas de retas e planos, perspectiva, simetria, proporcionalidade, polígonos e sólidos geométricos”, enumera. Além disso, os relatos da artista e dos alunos nos revelam que não só os objetivos iniciais foram alcançados como outros se concretizaram no decorrer de todo o processo. “Foi gratificante para mim constatar que alguns alunos, espontaneamente, pesquisaram maiores informações sobre os diversos momentos de produção artística ao longo da história em livros, revistas ou internet, e que escolheram como temas para seus desenhos a paz, o amor e o tempo. Outros ainda demonstraram a iniciativa de montar os murais segundo o tema e não pela divisão das turmas”, afirma a docente.

A docente fala ainda sobre a importância de atividades lúdicas em sala de aula. “Esses trabalhos permitem maior interação entre o professor e os alunos, possibilitando um processo de aprendizagem mais efetivo e prazeroso. Os projetos de trabalho que envolvam jogos e atividades artísticas estimulam as múltiplas inteligências, desenvolvem habilidades e ampliam capacidades cognoscitivas, motoras e emocionais. Entretanto, é importante salientar que as atividades lúdicas só constituem uma prática pedagógica transformadora quando são fruto de um projeto planejado com meta, objetivos claros, etapas bem definidas, cronograma e avaliação. São um sucesso quando promovem a iniciativa, a autoestima e a criatividade dos alunos”, finaliza.

Colaboração: Jéssica Almeida

C. E. Professora Zélia dos Santos Cortes
Rua Teresópolis, 118 – Vila Amélia – Nova
Friburgo/RJ
CEP: 28625-530
Tel.: (22) 2533-2443
E-mail: cezeliacortes@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



EaD Ampliando Competências

Na semana passada, ao visitar uma escola para realização de uma palestra presencial, em conversa com a equipe pedagógica sobre a elaboração de cursos para o desenvolvimento de professores, por meio da Educação Continuada a Distância, o diretor da escola nos sugeriu: "Podíamos ter esses cursos e palestras de conteúdo específicos de educação no ambiente de aprendizagem *on-line*?"

Respondemos que sim e explicamos que essa é uma das tendências presentes na Educação a Distância. Vamos entender esse processo?

De maneira geral, quando optamos por implantar a Educação a Distância, encontramos, no ambiente *on-line*, cursos e até programas pensados para colocar ao dispor dos professores conteúdos que desenvolvem diversas competências: comunicação, relacionamento interpessoal, idiomas, qualidade de vida, tecnologia. Mas, apesar da

importância dessa ampla aprendizagem, é necessário, para que a formação do professor tenha sentido pleno, que tenhamos, dentro da plataforma *on-line*, os cursos específicos da formação dos profissionais de educação, direcionados para o aprofundamento teórico-prático do professor, ampliando, assim, a qualidade do trabalho desenvolvido em sala de aula. Esses cursos são, em geral, ministrados por consultores especializados em diversas áreas do conhecimento. Por exemplo, cursos sobre Dificuldades de Aprendizagem, Planejamento e Gestão Escolar, Avaliação, Educação Especial, entre tantos outros.

Depois de toda a nossa explicação, o diretor disse: "Queremos os cursos *on-line* pra ontem!". Rimos descontraidamente e nos despedimos, certas de que a equipe da escola tem a visão acertada de como encontrar uma excelente solução para a ampliação da formação continuada dos professores.

Consultora de EAD - Andréa Schoch

Responsável pelo Benefício Educação Continuada - Michele Adum

Cursos Oferecidos

- INGLÊS BÁSICO NA PRÁTICA
- PASSOS PARA POTENCIALIZAR A MEMÓRIA
- EXCEL - BÁSICO E INTERMEDIÁRIO
- POWERPOINT 2007 NA PRÁTICA
- COMO EVITAR O ESTRESSE E A DEPRESSÃO
- ATIVIDADE FÍSICA
- PORTUGUÊS APLICADO
- INTERPRETAÇÃO E SÍNTESES DE TEXTOS - VERSÃO LIBRAS
- COMUNICAÇÃO INTERPESSOAL



EAD APPAI
educação continuada a distância





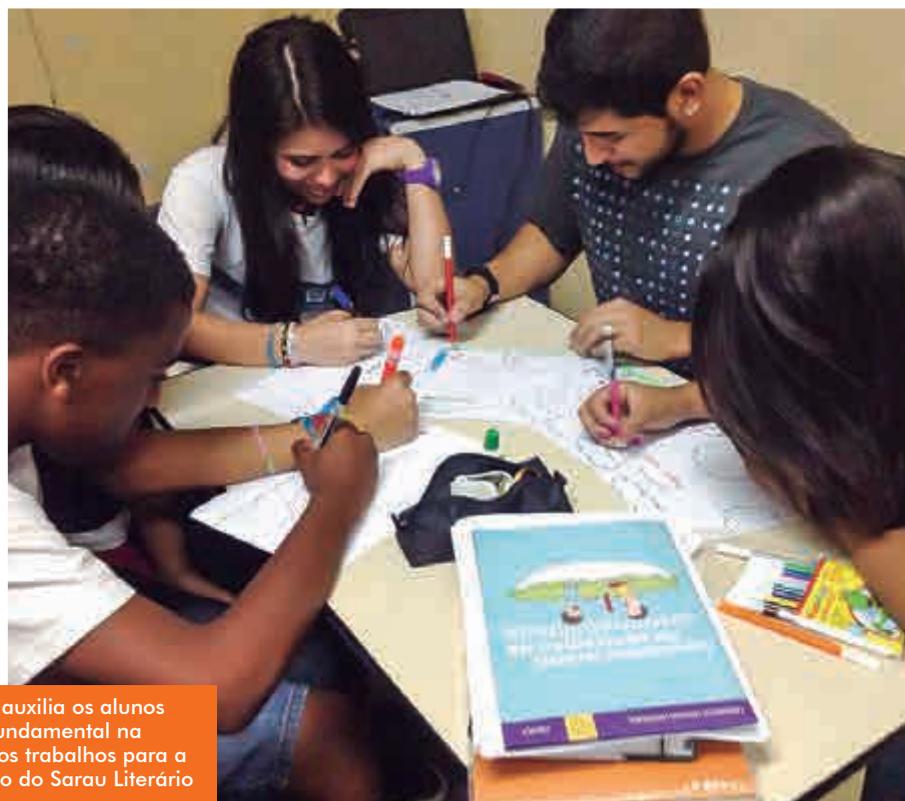
“As questões ambientais passam a emergir no cenário internacional a partir do início da década de 1970 e ganham uma grande importância e destaque ao longo da década de 1990. A Geografia é a única disciplina escolar capaz de unir o social e o natural, isto é, a análise do espaço desenvolvida pelo ensino da disciplina se estabelece a partir das relações sociais e naturais”. Com essa justificativa o professor de Geografia, Rodrigo Rodrigues, da Escola Municipal Presidente Eurico Dutra, criou o projeto *Geoambiental*, que discute questões ambientais durante as aulas.

O docente conta que o projeto surgiu no início de 2014 e foi desenvolvido com os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, porém durante o segundo semestre passou a ser trabalhado pelos alunos do 9º ano. “Vale destacar que a atividade foi oferecida aos estudantes de forma voluntária e a procura foi surpreendente, pois foram preenchidas todas as vagas disponibilizadas, constituindo mais uma prova de que a temática ambiental chama a atenção dos jovens estudantes”, explica.

Rodrigo afirma ainda que as questões ambientais foram dispostas de formas diferentes em cada momento histórico vivenciado na construção da organização social. “A perspectiva que o século XXI nos revela é que a crise ambiental vivenciada atualmente se dá por conta de uma crise social



O professor auxilia os alunos do Ensino Fundamental na confecção dos trabalhos para a apresentação do Sarau Literário



do atual modelo de desenvolvimento (capitalista). O ensino de Geografia no século presente deve contribuir de forma crítica com as questões ambientais, a fim de possibilitar a construção de cidadãos ativos nas sociedades, que possam lutar pelo meio ambiente ecologicamente equilibrado, sendo essa uma garantia de seus direitos civis e de qualidade de vida”, esclarece.

O educador ressalta ainda que a escola, por ser um espaço de construção e de práticas sociais, torna-se um local fundamental para o desenvolvimento da cidadania, “que deve levar em conta o meio ambiente como um espaço essencial para a nossa sobrevivência, algo que se faz necessário mediante a crise socioambiental instalada”, explica.

Por isso, o intuito do projeto é promover o desenvolvimento de ações que envolvam a prática de cidadania como forma de exercício de direitos civis, sociais e políticos, dentre os quais a construção de um equilíbrio no meio ambiente e a criação de mecanismos que possam estabelecer a formação de uma consciência crítica e emancipatória sobre a questão. “Trata-se de um direito social da população, que proporcionará uma melhor qualidade de vida para todos”, afirma Rodrigo.

De acordo com ele, o tema meio ambiente está presente no espaço geográfico, seja ele rural ou urbano, o campo e a cidade, mas a “percepção dos indivíduos sobre esses problemas, entretanto, encontra-se muito limitada, sendo restrita ao ambiente físico natural”, afirma.

Para o professor, essa visão restrita se tornou visível para os integrantes do projeto, quando foram questionados

sobre o tema. “Os alunos passaram a associar em diversos momentos o meio ambiente somente aos fatores físicos naturais existentes em nosso planeta, como por exemplo água, solo, oxigênio, verde, animais, árvores, entre outros. Apenas em alguns casos a visão mais ampla desta temática foi exposta pelos participantes, quando a noção se estendeu a coisas como a cidade, o lar, a escola, a água, o solo, a floresta e outras mais”, conta.

A partir desta investigação e discussão sobre a temática ambiental realizada no grupo, os estudantes passaram a se empenhar em investir em atividades, que possam levar os indivíduos a construir uma visão mais abrangente sobre o tema. O professor desenvolveu aulas expositivas, onde foi reconhecido pelos alunos que o meio ambiente ecologicamente equilibrado é essencial para podermos ter uma melhor qualidade de vida e que lutar por este direito é um exercício de cidadania.

Sarau Ecológico

Para culminância do projeto, o professor preparou um Sarau Literário. Realizado na Biblioteca da Penha, foi um evento cultural onde foram apresentadas diversas atividades artísticas, tendo como foco principal o meio ambiente. Os integrantes da atividade apresentaram ao público presente a oficina “Construindo a percepção do meio ambiente”, onde puderam expor tudo o que aprenderam durante as aulas.

De acordo com o professor, o projeto representou uma prática educativa significativa para os participantes



O evento cultural contou com diversas atividades artísticas, tendo como foco principal o meio ambiente



e estudantes que colaboraram. Os alunos conseguiram sensibilizar, chamar a atenção da comunidade local e mobilizar-se a partir da elaboração e apresentação da oficina. “De modo geral, nota-se a necessidade de dar continuidade ao trabalho realizado e de se investir pedagogicamente na educação ambiental de toda a comunidade escolar, saindo da teoria e partindo para a prática”, declara Rodrigo.

A aluna Ana Luiza Barbosa, do 9º ano, conta que, a partir da atividade, ela e seus colegas puderam aprender mais sobre o meio ambiente e enxergá-lo como um todo. “Este projeto representa algo a mais, um complemento do conhecimento, podendo futuramente me ajudar em algum outro trabalho ou até mesmo profissionalmente, porque é fundamental conhecer o mundo em que vivemos. Levamos informações importantes para pessoas que não tinham muita noção do que seria meio ambiente e criamos campanhas contra o desperdício de alimentos”, explica.

Já a estudante Nayane de Menezes, também do 9º ano, afirma que levará essa experiência para a vida toda. “Terei mais consciência nas minhas atitudes diárias. Também vou sentir saudade das minhas terças-feiras bem animadas e cheias de novidades. Sem dúvida esse projeto ajudou muito na minha formação. Aprendi que tudo faz parte do meio ambiente e que devemos protegê-lo, pois assim preservamos a nossa vida”, finaliza.

Colaboração: Jéssica Almeida

Escola Municipal Presidente Eurico Dutra
Rua Santa Engracia, s/nº – Penha
Rio de Janeiro /RJ
CEP: 21021-080
Tel.: (21) 2573-4149
E-mail: emeurico@rioeduca.net
Professor responsável: Rodrigo Rodrigues
Fotos cedidas pela escola

BIENAL DO LIVRO 2015

Professores autores

Inscrições abertas!

*Os interessados devem
encaminhar nome e telefone
para o e-mail:*

treinamento@appai.org.br





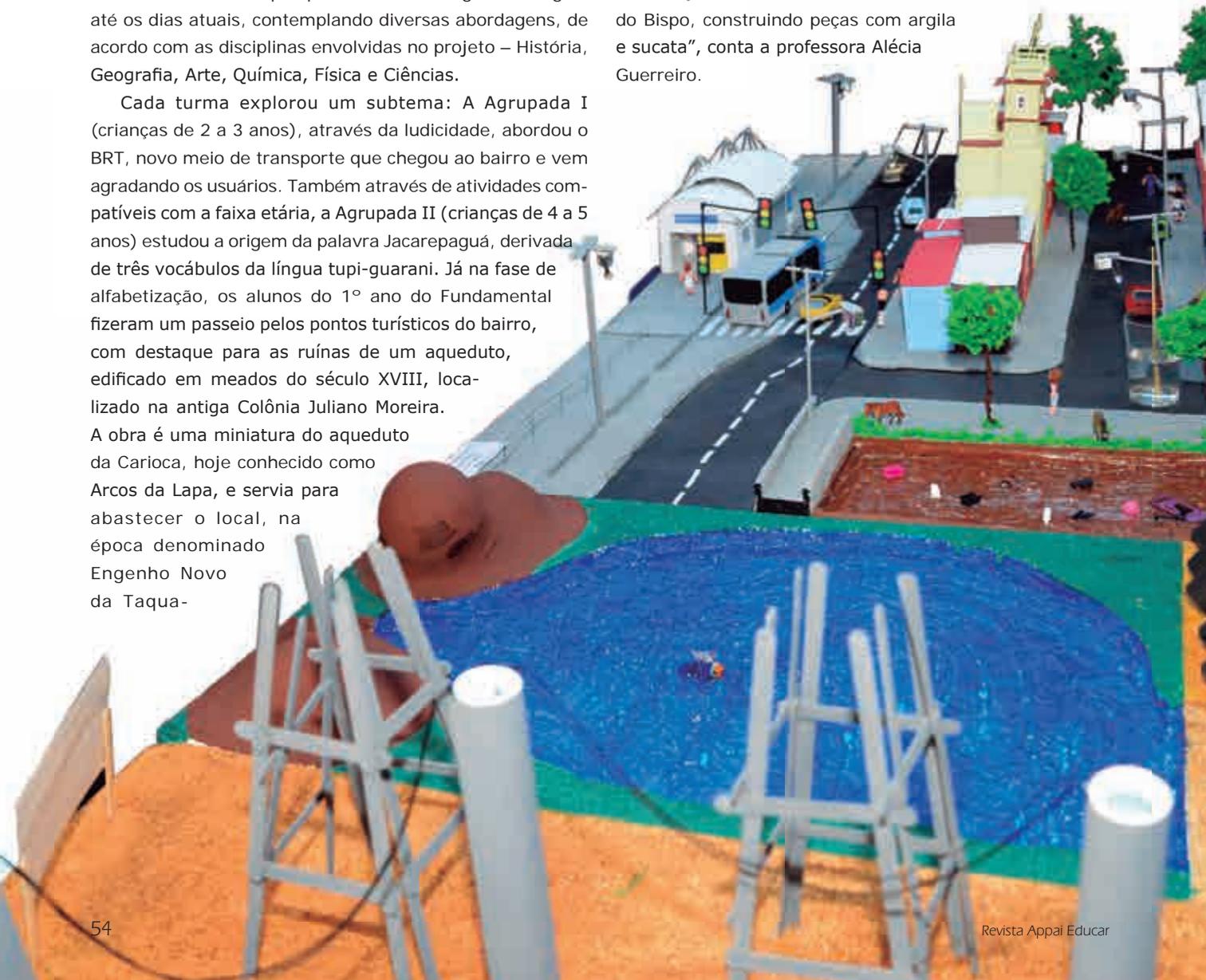
Uma viagem pela história de Jacarepaguá

Tony Carvalho

Localizada entre o maciço da Tijuca e a Serra da Pedra Branca, Jacarepaguá passa por intensas transformações que provocam mudanças na recomposição urbana, com reflexos sociais, econômicos e ambientais. O bairro foi o tema da 10ª Feira Cultural do Centro Educacional Fernandes Marques, localizado em Curicica. Os alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio foram estimulados a pesquisar desde as origens da região até os dias atuais, contemplando diversas abordagens, de acordo com as disciplinas envolvidas no projeto – História, Geografia, Arte, Química, Física e Ciências.

Cada turma explorou um subtema: A Agrupada I (crianças de 2 a 3 anos), através da ludicidade, abordou o BRT, novo meio de transporte que chegou ao bairro e vem agradando os usuários. Também através de atividades compatíveis com a faixa etária, a Agrupada II (crianças de 4 a 5 anos) estudou a origem da palavra Jacarepaguá, derivada de três vocábulos da língua tupi-guarani. Já na fase de alfabetização, os alunos do 1º ano do Fundamental fizeram um passeio pelos pontos turísticos do bairro, com destaque para as ruínas de um aqueduto, edificado em meados do século XVIII, localizado na antiga Colônia Juliano Moreira. A obra é uma miniatura do aqueduto da Carioca, hoje conhecido como Arcos da Lapa, e servia para abastecer o local, na época denominado Engenho Novo da Taqua-

ra. “Como a nossa proposta é construir o conhecimento, englobamos ao projeto a história de Arthur Bispo do Rosário, um ex-marineiro diagnosticado como paranoico-esquizofrênico que viveu na Colônia por cinco décadas. Ele se tornou um artista visual utilizando sucata. Sua obra foi descoberta no início dos anos 1980, ganhando repercussão nacional. Aproveitamos essa história para estimular as crianças a fazerem uma releitura das obras do Bispo, construindo peças com argila e sucata”, conta a professora Alécia Guerreiro.



Os alunos do 2º ano enfocaram o Bosque da Freguesia, uma formação predominantemente arbórea, quase que totalmente plantada no período correspondente ao final do século XIX e início do século XX, abrigando uma variedade de espécies frutíferas nativas e exóticas, que compunham o antigo pomar. “A proposta foi trabalhar a importância da preservação ambiental, destacando a flora e a fauna do espaço”, resume a professora Daniela Brame. A turma do 3º ano abordou a chegada do BRT em Jacarepaguá e as mudanças ocorridas no trânsito. “O conteúdo de História e Geografia trabalha os meios de transporte e o Código Brasileiro de Trânsito. Com isso, aproveitamos a implantação dos corredores exclusivos no bairro para tratar desses assuntos. Os alunos também traçaram um histórico da Estrada dos Bandeirantes desde a sua inauguração até os dias atuais e promoveram uma pesquisa com 100 moradores do bairro sobre educação no trânsito”, afirma a professora Ana Paula Nunes. O 4º ano destacou a importância do aeroporto de Jacarepaguá para a região. A professora Luana Dias estimulou os alunos a produzirem cartazes, pinturas e desenhos. Os alunos do 5º ano estudaram o Parque Estadual da Pedra Branca. “Em primeiro plano, fizemos um levantamento do espaço: sua localização, extensão e o porquê de sua criação. Após o estudo teórico, partimos para a prática com a construção de maquetes e painéis com mensagens relacionadas ao parque”, aponta a professora Dora Nascimento.



O 6º ano trabalhou as eras biológicas do bairro. A turma, dividida em cinco grupos, retratou o passado, o presente e as perspectivas para o futuro da região. “Enquanto um grupo montou um jornal mostrando a pesca como principal atividade econômica do bairro, na década de 1930, além da caça e dos frutos silvestres, outro criou uma história em quadrinhos abordando o desmatamento. O bicho-preguiça e o jacaré-de-papo-amarelo, animais em extinção, foram o tema do terceiro grupo; o quarto abordou o crescimento urbano e o quinto montou a maquete da Ilha Parque, projeto que prevê a despoluição do complexo lagunar da região. “Como educadora, vejo que o trabalho estimulou os alunos a irem mais além, conscientizando-os e possibilitando que eles se vissem como agentes transformadores da sociedade”, diz a professora de Ciências Thamires Amorim. O 7º ano também provocou uma reflexão sobre a poluição dos rios e lagoas da região. “A proposta foi mostrar o lugar real e o ideal, sem poluição. Os estudantes construíram maquetes e representaram a estação de tratamento de água, localizada próximo ao bairro”, completa a professora de Ciências Yolanda Ferreira. Os alunos do 8º ano, orientados pelo professor de Geografia Claudio Dantas, retrataram a história da Fazenda Baronesa. Para a aluna Iris Fraga Garcia, o projeto levou a turma a conhecer as raízes do bairro. “Quando a gente conhece a nossa história, passa a querer preservá-la. Gostei de saber que a mesma família do barão cuida da fazenda até hoje. Já é a terceira geração”, declara. O 9º ano, com a orientação da professora de Arte Rosana Novais, encenou um esquete para simular o cotidiano de uma sala de aula e provocar uma reflexão sobre o comportamento dos jovens.

O Ensino Médio também caprichou para apresentar à comunidade escolar projetos consistentes. A turma do 1º ano discutiu como está a qualidade do ar no bairro. “Os



Os pequenos da Educação Infantil estudaram a origem da palavra Jacarepaguá, derivada de três vocábulos do tupi-guarani: yakare (jacaré), upa (lagoa) e guá (baixa)



Já os alunos do Ensino Médio fizeram uma comparação entre o combustível dos ônibus tradicionais e o utilizado no BRT

alunos fizeram uma comparação entre o combustível usado pelos ônibus do BRT e os tradicionais. Além de chegar à conclusão de que o primeiro é menos poluente, eles também fizeram uma demonstração de chuva ácida, resultado dos gases emitidos pelos veículos em reação com a água”, explica a professora de Química Adriana Tavares. O 2º ano apostou nos fenômenos físicos e óticos, explorando o bairro como pano de fundo. E, para completar, o 3º ano avaliou as mudanças do aspecto geográfico no período de 2000 a 2014. “Abordamos a mudança no espaço geográfico, onde o homem constrói e reconstrói a todo momento o lugar onde vive, em função dos seus interesses e das suas necessidades. Usamos três conceitos específicos como ferramentas de análise: o lugar (espaço cotidiano em que se vive); a paisagem (porção do espaço que vejo e sinto) e o espaço geográfico (as transformações ocorridas)”, ensina a professora de Geografia Luciana Soares. Além de uma maquete gigante construída pela turma, o aluno Mateus Almeida escreveu uma poesia que teve como mote as transformações no bairro. “Como participo do movimento cultural *hip-hop*, procurei dedicar um pouco da minha arte ao projeto. Creio que cada um tem um talento a ser explorado”, arremata. A aluna Vivian Ribeiro também emprestou as suas aptidões à mostra. Ela pretende cursar arquitetura e viu no projeto a possibilidade de iniciar os estudos sobre urbanismo. “Foi uma excelente oportunidade de refletir sobre as mudanças no trânsito, no comércio e no modo de vida das pessoas, projetando o espaço de forma consciente e sustentável”, diz. Para a diretora pedagógica Edilene Avellar, o grande legado da feira cultural é possibilitar o crescimento cultural e acadêmico dos estudantes: “O papel da escola é contribuir para a reflexão e o desenvolvimento dos alunos, estimulando as múltiplas inteligências e valorizando o potencial de cada um deles”, finaliza.



Centro Educacional Fernandes Marques
(CEFM)
Rua Manicária, 92 – Curicica – Jacarepaguá
Rio de Janeiro/RJ
CEP: 22780-806
Tel.: (21) 2441-3807
E-mail: contato@cefm.com.br
Diretora pedagógica: Edilene Avellar
Fotos: Marcelo Ávila



Agenda do Professor

Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

Janeiro

Workshop: educação sexual na escola e dinâmicas de grupo

Data: 06/01/2015 – Horário: 8h às 12h – terça-feira
Palestrante: Josefina Maria Albino de Sousa

Piaget e Vygotsky: confrontos, conflitos, diálogos e muitas contribuições

Data: 06/01/2015 – Horário: 13h às 17h – terça-feira
Palestrante: Hebe Goldfeld

Transtorno do espectro autista

Data: 07/01/2015 – Horário: 8h30 às 12h30 – quarta-feira
Palestrante: Rita Thompson

TDAH - déficit de atenção/hiperatividade na escola

Data: 08/01/2015 – Horário: 8h às 12h – quinta-feira
Palestrante: Dr. Gustavo Teixeira

A judicialização das relações escolares na visão dos educadores

Data: 08/01/2015 – Horário: 13h às 17h – quinta-feira
Palestrante: Alvaro Crispino

Plasticidade neural: desenvolvimento e aprendizado

Data: 13/01/2015 – Horário: 8h às 12h – terça-feira
Palestrante: Bruna Lanzillota

Nativos e imigrantes digitais: práticas de ensino

Data: 13/01/2015 - Horário: 13h às 17h - terça-feira
Palestrante: Claudia Nunes

Educação e gênero - O feminino e o masculino na escola

Data: 14/01/2015 – Horário: 8h30 às 12h30 – quarta-feira
Palestrante: Eduardo Costa

Educação inclusiva: teoria e prática

Data: 15/01/2015 – Horário: 8h às 12h – quinta-feira
Palestrante: Clarissa Kauss

A Voz do Professor: A prevenção e preservação da saúde vocal do docente

Data: 15/01/2015 – Horário: 13h às 17h – quinta-feira
Palestrante: Angela Garcia

A psicomotricidade do dia a dia: contribuições para a educação infantil

Data: 16/01/2015 – Horário: 8h30 às 12h30 – sexta-feira
Palestrante: Valéria Mendonça

Jogo e educação: vivenciando experiências lúdicas

Data: 21/01/2015 - Horário: 8h às 12h - quarta-feira
Palestrante: Tania Nhary

Deficiência intelectual: causas, diagnóstico, diagnóstico diferencial e inclusão escolar

Data: 21/01/2015 – Horário: 13h às 17h - quarta-feira
Palestrante: Dr. Heber Maia

Família e escola: uma relação necessária na construção da aprendizagem

Data: 22/01/2015 – Horário: 8h às 12h - quinta-feira
Palestrante: Marcia Regina F. Ribeiro

Síndrome de Burnout: adoecimento docente

Data: 22/01/2015 – Horário: 13h às 17h - quinta-feira
Palestrante: Gisele Levy

Inteligência emocional e afetividade

Data: 23/01/2015 – Horário: 8h30 às 12h30 - sexta-feira
Palestrante: Paty Fonte

Leitura dinâmica e memorização aplicada

Data: 27/01/2015 - Horário: 8h30 às 12h30 - terça-feira
Palestrante: Ricardo Soares

Contribuições das mídias virtuais, redes sociais e tecnologias digitais

Data: 28/01/2015 - Horário: 8h às 12h - quarta-feira
Palestrante: Vicente Willians Nunes

Os múltiplos textos de nossas vidas: interpretação e produção de textos em sala de aula

Data: 28/01/2015 - Horário: 13h às 17h - quarta-feira
Palestrante: Tiago da Silva Ribeiro

A contribuição dos estudos da neurociência para a aprendizagem

Data: 29/01/2015 - Horário: 8h às 12h - quinta-feira
Palestrante: Marta Pires Relvas

Educação financeira: conceitos e estratégias para manter a saúde das finanças

Data: 29/01/2015 - Horário: 13h às 17h - quinta-feira
Palestrante: Adenias Gonçalves Filho



Vinte anos fazendo história



Para comemorar os vinte anos da escola, a equipe pedagógica do Ciep Brizolão 368 João Conceição Canuto, em Itaguaí, desenvolveu a Semana de Arte, na qual foram organizadas diversas atividades, como oficinas de fotografia, concurso de poesia e apresentação teatral. “A equipe percebeu que no aniversário do Ciep quem deveriam ser homenageados, pela criatividade, dedicação e talento, seriam os alunos”, explica Angela Simões, professora de História.

A oficina de fotografia, desenvolvida pela coordenadora Lídia Lopes, contou com a ajuda das alunas Kelli da Costa, da turma 3.004, e Ketlen da Silva e Karoline Kelly Silva, ambas da 1.001, que através de imagens contaram a história do Ciep. Intitulada de “Túnel do Tempo”, a exposição virou uma pequena esquete teatral assessorada pela professora de Língua Portuguesa Elizete de Souza. “A quantidade de alunos talentosos que estão na escola é infinita. É nesse momento que podemos ver o quanto eles são dinâmicos, prestativos, entrosados e como esse projeto influenciou positivamente na autoestima deles”, conta Elizete.

Já o concurso de poesia, que tinha como tema o aniversário da escola, foi idealizado pelo também professor de Língua Portuguesa Edson Luiz dos Santos e serviu para mostrar como a escola apresenta grandes escritores mirins. Entre os participantes, o aluno Rafael Ferreira, da turma 3.004, que tocou guitarra na apresentação da sua banda no projeto, recebendo o primeiro lugar da competição. A aluna Meirele Pereira, da mesma turma, ficou em segundo lugar e o aluno André da Costa, da 1.005, em terceiro.

Com a supervisão da professora Isis Venâncio, de Espanhol, as turmas do 6º, 7º e 8º anos do Fundamental

A Semana de Arte serviu para demonstrar as múltiplas habilidades e competências que os alunos têm em outras áreas



fizeram apresentações de dança. E alunos do 1º, 2º e 3º anos encenaram a peça teatral “La Maquinitá”, de autoria da professora Elizete. Além disso, alguns estudantes participaram tocando violino, flauta e bateria durante a atividade. “A música estimula o aprendizado”, ressaltou a professora Cassiane Moura, que faz parte do grupo.

De acordo com Angela, a Semana de Arte serviu para demonstrar as múltiplas habilidades e competências que os alunos têm em outras áreas. “Que muitas das vezes não estão no currículo oficial, mas existem de forma oculta. Os alunos Lucas Nunes, da turma 2.003, e Alessandro, da 2.001, mostraram todo o seu talento na parte de cenografia, na sonoplastia, no figurino e no roteiro. Lucas ainda chegou a afirmar que eles nasceram para o palco”, conta.

Angela informa também que a escola tem um papel fundamental na formação do ser humano. “Os alunos que normalmente não participam das aulas foram atuantes em todos os processos do projeto, desde a confecção dos trabalhos até a organização para o evento. Descobrimos diversos talentos, como é caso do aluno Amilton Juan Ramos, da turma 1.003, que é muito calado em sala de aula, mas durante a apresentação de *hip-hop* deixou a timidez de lado e arrasou na sua *performance*”, enaltece a professora.

As alunas Thatielly da Rocha, da turma 2.002, e Jusci-mara Nogueira, da 2.003, também deixaram suas opiniões. “Pra mim foi interessante relembrar os tempos antigos. Achei linda a homenagem feita para os professores e a forma com que organizaram algo lúdico com eles. O projeto nos leva a pensar: o que somos hoje mudará o nosso futuro. Cada pessoa presente nessa escola faz uma grande diferença, desde os funcionários do apoio até os alunos, pais, professores, pois sem eles nada funcionaria”, afirmaram as estudantes.

O evento foi aberto ao público, e a comunidade escolar compareceu para parabenizar o colégio. “Os alunos aprimoraram seus conhecimentos gerais através da música, da dança, da arte de compor, escrever e tocar um instrumento. A cultura aproxima pessoas e nessa caminhada estamos unidos pela melhoria da sociedade. Responsáveis, professores e estudantes, todos integrados nessa atividade ao mesmo tempo recreativa e didática”, finaliza Angela.

Colaboração: Jéssica Almeida



Ciep Brizolão 368 João Conceição Canuto
Rua Projetada – G, s/nº – Ponte Preta
Itaguaí/RJ
CEP: 23810-080
Tel.: (21) 3781-0003
E-mail: ciep368@educacao.rj.gov.br
Fotos cedidas pela escola



Ícone da música brasileira

Dorival Caymmi inspira alunos de escola municipal

Considerando a importância de se trabalhar com a arte em sala de aula para despertar no discente suas habilidades, potencialidades e vocações, o professor de Língua Portuguesa Anselmo Martins Saldanha, da Escola Municipal Dr. João Alves Martins, em São João de Meriti, desenvolveu o projeto *Centenário de Dorival Caymmi*. O docente conta que recebeu a proposta da equipe pedagógica da unidade educacional, composta por Sônia e Joelma, sob a direção de Márcia e Isabel, no início do 1º semestre de 2014, para desenvolver um projeto sobre esse ícone da música brasileira com a 9ª etapa da EJA.

Para execução do trabalho, o educador dividiu a turma em oito grupos, onde cada um ficaria responsável por uma etapa. Entre elas: apresentação, biografia, canto, cenário, culinária, dança, figurino e instrumentos. "Deixei os alunos à vontade para que escolhessem de acordo com suas afinidades e dons", conta. Segundo Anselmo, ele e os estudantes foram à Academia Brasileira de Letras (ABL) para uma conferência com a jornalista, biógrafa e escritora Stella Caymmi, neta de Dorival, intitulada "Caymmi tá vivo ainda lá!". Durante o evento, eles tiveram a oportunidade de conversar com Nana Caymmi, filha do cantor.

Além disso, ensaiaram diversas músicas de Caymmi com as equipes de canto e instrumentos. "Convidamos uma amiga coreógrafa e passista da Portela, Jacqueline Inácio, para fazer dois números com o grupo da dança: 'Maracangalha' e 'O que é que a baiana tem?'. Fizemos desenhos para o figurino das meninas e dos meninos", conta o professor.





Os estudantes também explicaram histórias sobre a origem das letras de algumas músicas

Foram discutidos também cenários, textos e imagens que melhor expusessem a riqueza de conteúdo da vida do astro, que cantava e encantava através de suas canções. “Escolhemos as comidas baianas preferidas do compositor, como acarajé e bobó de camarão, para preparar no dia da culminância do projeto para degustação. Expusemos os trabalhos de pesquisa e explicamos algumas histórias sobre a origem das letras de algumas músicas”, enumera.

A aluna Andreia Vieira, da turma 901, conta que gostou de tudo. “Adorei a palestra com a neta de Dorival, falando de suas composições. A participação dos alunos com o professor Anselmo nos ensaios da música “Maracangalha”, a história sobre a vida do artista, as barraquinhas com as comidas que ele gostava. Adorei aprender sobre a vida e a pessoa especial que foi Dorival Caymmi na nossa cultura brasileira”, conta.

Já a estudante Pamela Cristina Falcão, também da turma 901, afirma que achou o projeto muito interessante, pois ofereceu a oportunidade de estudar um grande nome da música brasileira. “O que mais gostei foi de conhecer a biografia, sua origem, seus descendentes, comidas prediletas, as músicas e inspirações. Aprendi que Caymmi foi um grande cantor e compositor”, explica.

Elisângela Dantas comenta que gostaria de estudar sobre o artista mais vezes. “Amei conhecer a história de Caymmi. Aprendi, com a experiência dele, que a vida não tem preço, mas sim valores. Não é por acaso que ele chegou a toda essa importância no cenário cultural do Brasil”, elogia a estudante da turma 901.

Segundo Anselmo, através das atividades trabalhadas foi possível observar as aptidões coletivas e individuais. “No processo ensino-aprendizagem, especialmente na EJA, precisamos mais do que ouvir, dar voz aos jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de estudar em época adequada. Com muito empenho de todos os envolvidos, o objetivo foi alcançado: divulgar e eternizar, na educação brasileira, a memória daquele que ensinava através de suas composições”, finaliza.

Colaboração: Jéssica Almeida



Escola Municipal Dr. João Alves Martins
Avenida do Canal, s/nº – Vilar dos Teles –
São João de Meriti/RJ
CEP: 25560-510
Tel.: (21) 3752-3240
E-mail: e.m.dr.joaualves@gmail.com
Fotos cedidas pela escola



Longevidade com qualidade

Appai cria projeto destinado aos beneficiários da terceira idade

O primeiro encontro do projeto Terceira Idade contou com diversos associados e responsáveis pelos benefícios da Appai



Desde os anos 1950 a expectativa de vida no Brasil aumentou cerca de vinte anos, o que resultou numa população de maioria idosa. Por isso, atualmente busca-se cada vez mais a ampliação dos direitos dos idosos, visando sua integridade e envelhecimento saudável, assim como sugere a Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/94). Sabendo disso, a Appai criou o projeto *Terceira Idade*, voltado para os beneficiários que se preocupam com o bem-estar nessa fase da vida.

O projeto, criado em 2014, consiste na realização de atividades de grupo que estimulem o debate e a reflexão sobre os principais assuntos presentes no cotidiano dos idosos. Além da criação de um espaço democrático de troca de experiências através de rodas de conversa e utilização de vídeos e filmes que discutam sexualidade, convivência familiar, relações de gênero, política, problemas sociais e

envelhecimento. São também realizadas palestras socioeducativas, que abordem temas referentes a aposentadoria, qualidade de vida, saúde, educação, Estatuto do Idoso, desporto, cultura, lazer, dentre outros.

Através desses encontros, objetiva-se proporcionar aos idosos atividades que possibilitem a convivência, tendo em vista a troca de experiências, além do estímulo a aspectos cognitivos, como atenção, coordenação, memória e percepção. Busca-se também desenvolver atividades de prevenção para a redução das incapacidades e potencialização do envelhecimento ativo, democratizando as informações sobre os direitos dos idosos.

O primeiro encontro

No final de outubro, aconteceu o “tão esperado” – conforme descrito pelos próprios participantes – primeiro encontro do projeto *Terceira Idade*. Na ocasião foram realizadas dinâmicas e rodas de conversa, onde foram

debatidos os temas de interesse para o próximo encontro. Entre eles, foram sugeridas oficinas de memória e de dança, além de palestras com temas pertinentes ao público-alvo, como, por exemplo, "dores da terceira idade".

Idealizado pelo Benefício de Serviço Social, o projeto também conta com a parceria de outros benefícios da Appai, entre eles o Saúde 10, o Passeio Cultural, o Caminhadas e Corridas e a Conferência Médica. Os representantes desses benefícios estiveram presentes na ocasião, para apresentar seu trabalho e anotar sugestões dos participantes. A escolha de roteiros para o próximo passeio cultural estava entre essas sugestões.

A aposentada e associada Maria Tereza Silva, de 65 anos, conta que adorou essa iniciativa da Appai e pretende aprender muitas coisas. "No início sou bastante tímida, mas depois vou me soltando. Espero que, com esses encontros, eu consiga melhorar a minha comunicação e socialização", afirma. Já o associado Jadir de Santana, de 59 anos, relata que achou muito interessante essa novidade da Appai. "Espero que nos próximos encontros aconteça exatamente o que começou hoje, essa dinâmica, interação do grupo e compartilhamento de conhecimento. Quero tirar proveito dessas oportunidades e ter uma qualidade de vida melhor", declara o aposentado.

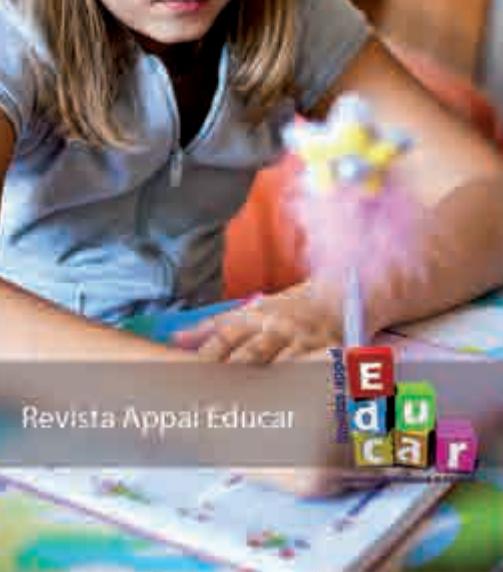
Inicialmente, serão realizados encontros mensais com duração de duas horas. Os beneficiários interessados em participar deste projeto poderão realizar a inscrição de forma presencial, na sede da Appai, ou entrar em contato pelo telefone 3147-3237 ou pelo *site* www.appai.org.br/Saude10. Lembrando que, pelo telefone, as inscrições devem ser feitas de segunda a sexta-feira, das 9:00 às 18:00.

Colaboração: Jéssica Almeida



Durante o encontro, os associados participaram de dinâmicas e rodas de conversa





Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

BENEFÍCIOS



Dança de Salão



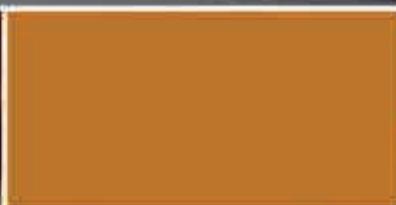
Caminhadas e Corridas



Benefício Passeio Cultural



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Serviço Social



Odontológico Ambulatorial Básico


appai.org.br